

ISSN 2358-3320



edit 10

Olódùmarè: Deus na Crença Ioruba e o Problema Teísta do Mal., John Bewaji, Tradução: Luiz L. Marins

A Umbanda da origem à atualidade. Por Alessandro Coi e Erick Wolff8

Carta do editor

Olódùmarè: Deus na Crença Ioruba e o Problema Teísta do Mal., John Bewaji,
Tradução: Luiz L. Marins

A Umbanda da origem à atualidade.
Por Alessandro Coi e Erick Wolff8

Cara fotografada por Erick Wolff8

Nota
O instrumentos e materias fotografados para a capa, não passaram por rituais de sacralização.

Olódùmarè:
Deus na Crença Ioruba
e o
Problema Teísta do Mal.

John Bewaji

1998

African Studies Quartely, Volume 2, parte 1
Universidade da Flórida, U.S.A, 1998.

Tradução:
Luiz L. Marins

2012

John Ayorunde Isola Bewaji é conferencista sênior em filosofia do departamento de línguas, linguística e filosofia da University of the West Indies, Mona Campus. Recebeu seu PHD em filosofia na Universidade de Ibadan, Nigéria.



INTRODUÇÃO [1]

Nos trabalhos pioneiros sobre estudos religiosos africanos por nativos e escritores ocidentais, Idowu, Mbiti, Parrinder, Ray, Tempels, e outros, mostraram que os africanos não são tão intelectualmente pobres a ponto de faltar uma sofisticada concepção do Ser Supremo. Este Ser é reconhecido, e Lhe é dada a primeira posição dentro de suas religiões. Estes estudiosos identificaram alguns dos atributos do Ser Supremo com as religiões nativas africanas que eles estudaram. Alguns destes atributos são muitos similares com o conceito das religiões cristãs do Ser Supremo: a Onipotência, a Onipresença, a Onisciência, a Benevolência, o Criador, etc.

Seus trabalhos estabeleceram pontos iniciais para futuros estudos e discussões, mas a maioria dos estudantes de religião preferem ignorar este aspecto nestas dignas contribuições, tomando seus trabalhos como definitivos e inquestionáveis. Mesmo quando um ponto de vista é contrário, estes trabalhos pioneiros são citados como autoridades para defesa, de forma que [os questionamentos] perdem credibilidade rapidamente.

Os africanos, particularmente os Ioruba, sobre quem escreveram Idowu, Mbiti e outros, indiscutivelmente possuem uma concepção do Deus Supremo. De fato, este Ser Supremo tem muitos atributos superlativos[2], mas a posse destas qualidades não combinam com o tipo de impasse ou contradição que existe na teísta cristã, ou seja, a

1 Nota do tradutor - As notas originais, por serem "de referencia" alocadas no final do artigo, foram transladadas para o corpo de texto, visando facilitar o fluxo de leitura. Portanto, todas as notas explicativas de rodapé serão do tradutor.

2 Adj. Que exprime o auge da intensificação de uma qualidade: pessoa de virtudes superlativas. S.m. Gramática Grau de significação do adjetivo, que traduz uma qualidade elevada à sua maior intensidade. <http://www.dicio.com.br/>

incompatibilidade da existência de Deus e o mal no universo. Para permanecer estritamente dentro da religião Ioruba, estes escritores apresentam *Olódùmarè* como o Deus cristão ou o Allah muçulmano; e *Ès̱ù* como Satã ou o Diabo.

Que estas interpretações são erradas e enganosas, e as consequências que produzem, serão argumentadas aqui.

OLÓDÙMARÈ: O SER SUPREMO ENTRE OS IORUBÁS

Justificando a necessidade da pesquisa da crença Ioruba no Ser Supremo, Idowu diz:

> " Em todos os trabalhos anteriores relevantes sobre a religião dos Ioruba, a Deus tem sido atribuído um lugar remoto, pouco preocupado com os acontecimentos. As poucas pessoas que realmente conhecem os Ioruba revelam um incomodo sentimento, que existe algo no mínimo inadequado sobre esta noção, e é este sentimento que me levou a investigar o que os Ioruba atualmente acreditam sobre Deus." (Idowu, 1962, p.vii)

Tal concepção do Supremo Ser entre os Ioruba é equivocada, e é consoante com a atitude geral do colonialista europeu que, por ignorância, ridicularizou a cultura, costume, religião, organização política, ciência, comercio, etc., do assim chamado "povo primitivo" do mundo.

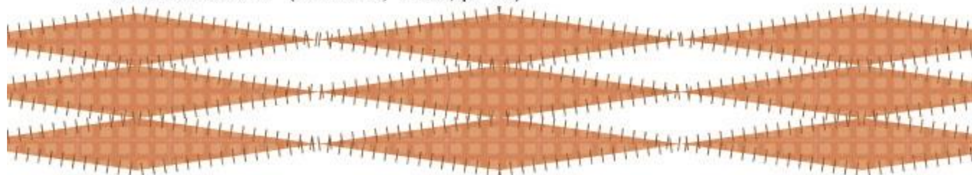
Com esta atitude, facilmente desculpa-se e justifica suas ações na subjugação e forte apropriação das colônias:

> “ Em todos os trabalhos anteriores relevantes sobre a religião dos Ioruba, a Deus tem sido atribuído um lugar remoto, pouco preocupado com os acontecimentos. As poucas pessoas que realmente conhecem os Ioruba revelam um incomodo sentimento, que existe algo no mínimo inadequado sobre esta noção, e é este sentimento que me levou a investigar o que os Ioruba atualmente acreditam sobre Deus.” (Idowu, 1962, p.vii)

Tal concepção do Supremo Ser entre os Ioruba é equivocada, e é consoante com a atitude geral do colonialista europeu que, por ignorância, ridicularizou a cultura, costume, religião, organização política, ciência, comercio, etc., do assim chamado “povo primitivo” do mundo.

Com esta atitude, facilmente desculpa-se e justifica suas ações na subjugação e forte apropriação das colônias:

> “Certamente, um povo que coloca o Ser Supremo 'um pouco acima' que alguns outros seres, ou que O coloca como o primeiro entre outros iguais, precisa ser inferior para aqueles povos que colocam Deus completamente acima e além do nível de outros seres.” (Parrinder, 1949, p. 12)



Tais povos necessitam de ajuda, por que:

> "... o nativo diz que Ele goza de uma vida de completa ociosidade e repouso, ... e passa seu tempo cochilando e dormindo. Uma vez que Ele é tão preguiçoso e tão indiferente para exercer qualquer controle sobre os afazeres terrestres, os homens não perdem o seu tempo em cultuá-Lo, mas reservam seu culto e sacrifícios para outros agentes mais ativos." (Idowu, 1962, p. 140)

E, como diz Parrinder, de uma forma bastante ambivalente que mostra sua confusão e o dilema de um estudioso teólogo estrangeiro:

> "Politeístas que justificam seu culto a deuses menores, quando pressionados, podem referir-se ao afastamento do céu, ou ao menos, uma resposta mais rápida de outros deuses. Estes são mais próximos a ele, mais aptos para intervir em sua vida, e de mais fácil acesso. Eles podem ficar irritados se forem negligenciados em favor de outros deuses. Todo sacerdote [politeísta] dirá que seu deus é filho do Ser Supremo, e que ele fala através de seus filhos. Mas ele argumentará que precisa obter favores de todos os espíritos, e não apenas de um, para que os outros não retirem seus favores ou poderes ... acredita-se que Ele está muito distante para preocupações e necessidades humanas que os outros deuses, que são seus filhos ... em geral, o culto é irregular ... exceto ocasiões especiais, como uma viagem, a maioria das pessoas não tem um lugar especial para o Ser Supremo em suas vidas ... Preces são oferecidas para Ele a qualquer tempo e lugar, embora geralmente sejam preces individuais." (Parrinder, 1969, p. 23-24)



Numerosas questões de interesse surgem desta passagem. Comentar sobre elas é somente para questionar como foram criadas, estas, e outros estudos similares.

Primeiro, é a ideia do *deus incertus* e *deus remotus* de Westermann, que ele divulga (Parrinder, 1969, p. 24-5).

Segundo, é a concepção das divindades como filhos de Deus – uma ideia importada (ou contrabandeada, como P'Bitek diria) dentro da concepção do parentesco entre Deus e as divindades da religião cristã. De todos os dados disponíveis, raramente existe alguma sugestão que *Olódùmarè* tenha filhos (D. Westermann, 1937, p. 65). Outras divindades são Suas criações; algumas estão com Ele e são ainda mensageiros para Ele, mas nenhuma conhece Sua origem.

De todo material existente, em lugar nenhum é categoricamente demonstrado que o povo Ioruba acredita que *Olódùmarè* teve filhos ou filhas. De fato, o único material que sugeriu que *Olódùmarè* teve filhos pode ser encontrado no trabalho do Dr. M. Akin Makinde. É preciso lembrar que ele estava discutindo Emi [3], que é a noção de vida no homem [4]. Assim, ele diz:

> "A alma dá vida ao corpo, enquanto ori controla o destino humano. Emi é reconhecido como o filho de *Olódùmarè* (omo *Olódùmarè*) tendo-se em conta sua espiritualidade e imortalidade". (Makinde, 1983, p. 45)

---

3 A palavra correta é *èmí* e tem o sentido de espírito eterno. Não confundir com *èémí*, "respiração".

4 Trata-se do conceito Ioruba de Noção de Pessoa. Extenso material pode ser encontrado na Revista Olorun <www.olorun.com.br>, e no site Cultura Ioruba <http://culturayoruba.wordpress.com>.

A palavra "filho" será melhor entendida por significar não filho ou filha, mas como significando "originário de", por que, em outro lugar Makinde fala de *Olódùmarè* colocando o sopro da vida (emi) dentro do corpo moldado por *Ọbàtálá* (p. 50).[5]

Finalmente, a sugestão que Deus, por causa de Seu afastamento, é raramente lembrado ou perturbado em Seu sossego por aborrecimentos desnecessários, e que [ao mesmo tempo] Ele é chamado em todos os lugares, por qualquer um, durante todo o tempo por homens e mulheres, mostra-se ser uma questão de auto contradição. De fato, Idowu apontou o erro em supor-se que *Olódùmarè* não é cultuado. Idowu, Mbiti, Awolalu, e mesmo Parrinder (os fatos não podem ser ignorados) tem aparentes contradições em seus próprios trabalhos, mas estes erros tem persistido, apesar deles, ou por causa deles (Idowu, 1962, p.140-141).

Kato, por exemplo, diz [sobre Mbiyi]:

> "A maioria dos seus escritos dizem respeito à filosofia básica da teologia africana. A premissa básica parece ser a pressuposição que as religiões tradicionais africanas são sistemas bem organizados. Ele assume que o animismo na Africa não somente conhece a Deus, como O cultua ... Mas contradição não é o principal problema da teologia de Mbiti. E este universalismo que representa uma ameaça para o Cristianismo Bíblico na Africa. Seu grande entusiasmo em africanizar o Cristianismo, embora feito de boa fé, é uma grande ameaça à fé que foi direcionada aos Santos.(Kato, 1975, p. 56-57)

---

5 Este parágrafo originalmente era a única nota explicativa de Bewaji, a de n. 8, e foi aqui transladada para o corpo de texto.

Para Kato, concepções tradicionais de Deus na África são imperfeitas, inferiores e indignas de Sua Divina Supremacia, [e segundo ele] somente os talentosos semitas do primeiro século tiveram uma visão clara. Alguém pode perguntar [a ele]: E sobre o Islã e outras religiões do mundo? Sua resposta será uma obvia zombaria. [Paradoxalmente] ele cita Okite falando do [livro] *Concepções de Deus na África*, de Mbiti:

> "... um projeto de pesquisa maciça de St. Anselm que intenciona provar que mesmo para Africa, Deus é maior que tudo, tão grande que nada maior pode ser concebido" (Ibid., p. 70).

Agora, a auto contradição de um ser racional no nível encontrado em Kato, é certamente inexcusável, pois como um pastor, ao ameaçar o Cristianismo bíblico, é como ter praticado um crime contra sua fé. Como pode alguém cristão fazer tal blasfêmia, comparação ou analogia?

Assim, seu esforço falha, e sua tardia tentativa de uma antologia[6] visando mostrar o Deus africano como um Ser o qual nada maior pode ser concebido, é condenada "desde o início".



6 S.f. Coleção de trechos escolhidos, literários ou musicais, coletânea. Idem.

[Kato complementa:]

> "Nós devemos eliminar todas as crenças não-cristãs, religiões, culturas, ideias e todos os povos não-cristãos (projeto absurdo), tornando a Terra segura para a segunda vinda do Salvador – a menos que se arrependam. A transplantação do Cristianismo (e Islã) no Oriente Médio, a cultura Arabe com seus apêndices Greco-romanos precisam ser totais, se a humanidade na Africa deseja ver a verdadeira luz". (Ibid., p.75)

Somente a conquista desse objetivo agradaria Kato. Para abreviar, podemos sintetizar o que veio a ser flagrante diante das considerações expostas:

1) Primeiro, os escritores antigos não creditam aos africanos (os Ioruba) nenhum conhecimento de Deus.
2) Segundo, fatos irrefutáveis negaram tal posição; assim, os estudiosos agora creditam os Ioruba com ideias, concepções e até mesmo culto – ainda que simples – de Deus. O momento é de ajudar o desenvolvimento sobre a conscientização dos estudiosos africanos mergulhados na persuasão teológica cristã.
3) Terceiro, a discussão então mudou da ontológica[7] questão da "existência" de Deus, para a "concepção" dos povos [africanos] sobre Ele. Isto é, os Iorubás tem realmente uma ideia adequada de Deus? Como ela é, de fato?

---

7 Adj. Relativo à ontologia. *Ontologia:* s.f. Filosofia. Ciência do ser em geral, que considera o ser em si mesmo, independentemente do modo pelo qual se manifesta. Idem.

[Na África] não há Monte Sinai ou Horebe, não há pastos verdes, mas somente densas florestas. Assim [segundo eles], as revelações que [os africanos] podem ter será de divindades menores relacionadas com a fertilidade, enormes rochas, e árvores". Esta é a posição de Kato, e todos aqueles com pretensões intelectuais similares. Okot P'Bitek tem um capítulo sobre a desmitificação[8] e dehelenização[9] do Deus africano em seu seminal[10] volume *African Religious in Western Scholarship,* Kenya, 1970.

Assim, o ônus mudou novamente sobre o estudioso africano, o qual sempre esteve numa posição de fraqueza. "Um povo colonizado precisa lutar de todas as formas para assegurar seu direito de igualdade com os outros." Então, introduziram uma quarta dimensão do contrabando intelectual de suas crenças cristãs dentro do terreno religioso da África: helenizaram[11] e vestiram o Deus africano numa roupagem emprestada, como se sempre estivessem nus! Nestas tentativas, alguns problemas surgem.

Isto tem sido assim por causa das categorias e atributos conceituais que eles tem usado. A este respeito, Kato está certo quando acusa Idowu, Mbiti e Awolalu, etc., de helenizar o Deus africano. Enquanto Okot P'Bitek chamou de "desmitificação e dehelenização" do Deus africano, Kato tem chamado de "erradicação" do Deus africano, o que corresponde a uma total irrealidade (Kato, 1975, p.77). Mas estas tentativas nem mesmo consideraram se tais conceitualizações do Supremo Ser, pelos escritores, são

8 S.f. Ato ou efeito de desmitificar. *Desmitificar*: v.t. Desfazer um mito, tirar o caráter de mito; Por extensão: despojar de consagração (alguém ou algo). Idem.

9 No sentido contrário de *Helenizar:* v.t. Ajustar aos moldes gregos; v.i. Dedicar-se às coisas gregas. Idem.

10 Adj. Relativo ao sêmen ou à semente: líquido seminal. Idem. / [n.t.] no sentido figurado de trabalho pioneiro e original do qual partem todos os outros.

11 Ver nota 9.

verdadeiras diante dos fatos avaliados. O trabalho de P'Bitek surgiu do nacionalismo[12], enquanto que o trabalho de Kato surgiu do ecumenismo[13]. P'Bitek mostrou que "o contrabando intelectual é um crime acadêmico" que deveria ser purgado, e a solução consiste na elucidação de seus enganos.

Um destes enganos foi a ausência de uma discussão clara sobre as relações entre *Olódùmarè* e o mal. Como diz Kato:

> "...outro problema na apresentação de Mbiti é a ausência de qualquer referencia ao mal atribuído a Deus nas religiões tradicionais africanas." (Kato, 1975, p. 77)

Agora, Kato parece dizer que *Olódùmarè* é parcialmente mal (isto é, usa interpretação do entendimento do mal pelos africanos). Isto precisa ser submetido a um exame mais detalhado. É este e outros assuntos relacionados que constituem o ponto de partida deste ensaio, a partir dos trabalhos de Mbiti, Idowu, e outros. Quando os pesquisadores da teologia[14] africana discutem os atributos de Deus entre os africanos, eles ignoram o problema do mal. Os atributos que eles descrevem para *Olódùmarè* são, de acordo com

---

12 S.m. Preferência determinada pelo que é o próprio à nação à qual se pertence. Doutrina que reivindica para a nação o direito de praticar uma política ditada unicamente pelos seus interesses, opondo-se a qualquer associação suscetível de limitar-lhe a liberdade de ação. Movimento social de indivíduos que tomam consciência de formar uma comunidade em virtude dos elos étnicos, linguísticos, culturais etc., que os unem. Idem.

13 S.m. Tendência à universalidade da união; em particular, à união de todas as igrejas cristãs numa única igreja universal. Idem

14 S.f. Estudo da religião e das coisas divinas. A palavra vem do grego *theos*, que significa Deus, e logos, descrição, e refere-se apenas à interpretação da doutrina de Deus. Mas a teologia moderna abrange o estudo das várias religiões e a relação entre religião e necessidades humanas. Idem.

Idowu, que Ele é *"o Criador, o Rei Onipotente, Onisciente*[15]*, Juiz, Imortal e Santo"* (Idowu, 1962, p. 38-47). Em outro trabalho [diz que] *"Olódùmarè é Único, Real, Administrador e Uno"* (Idowu, 1973, p. 149-165).

De acordo com Mbiti, Deus (*Olódùmarè*) em adição a estes atributos listados por Idowu, tem outros atributos tais como: Transcendente, Imanente, Autoexistente, Preeminente[16], Grande, Poderoso, Imaterial, Misterioso, Unitário, Misericordioso, Bondoso, Amoroso, Fiel, Gentil.

Todos estes atributos, quando copresentes e elevados ao máximo no Supremo Ser, tornam evidentes o problema do mal em qualquer religião. Este problema tem se mantido como um câncer na religião judaico cristã, e tem sido a fonte de um forte ateísmo[17], ceticismo[18] e agnosticismo[19].

Faremos um breve exame deste problema e como ele surge na religião cristã, e perguntar se este problema é igual, e até mesmo *se existe,* no entendimento Ioruba de Deus (*Olódùmarè*).

---

15 Adj. Que sabe tudo, que possui Onisciência: o Deus Onisciente e Único é o dogma das religiões monoteístas. Idem.

16 Adj. Que tem preeminência; que ocupa posição mais elevada. Superior; distinto. Idem.

17 S.m. Convicção de que Deus não existe. O termo é por vezes confundido com agnosticismo, a crença de que é impossível saber a natureza de Deus. O termo é frequentemente empregado de forma errada. Idem.

18 S.m. Qualidade de quem é cético; atitude daquele que duvida de tudo; descrença. Filosofia. Doutrina que se baseia na suspensão dos juízos afirmativos ou negativos, sobretudo em matéria de metafísica: Pirro defendia o ceticismo universal. Idem.

19 S.m. Qualquer doutrina que declara o absoluto inacessível ao espírito humano ou que considera vã qualquer metafísica. Idem.

O PROBLEMA TEÍSTA FILOSÓFICO DO MAL

O problema teísta filosófico[20] do mal pode ser devidamente analisado observando-se a seguinte passagem de Quinn. Das religiões teístas, ele diz:

> "... De acordo com os teístas, as pessoas são chamadas para cultuar a Deus. Teístas normalmente sustentam que sua reverencia e adoração são as respostas adequadas para Ele. Esta visão pressupõe que Deus merece ser cultuado. Se um ser não é digno de culto, então certamente o culto dirigido a este será amplamente inapropriado. Mas quais características deve ter um deus para ser cultuado? Parece que somente um deus moralmente perfeito poderia ser digno de um culto não qualificado, típico de um culto teísta. Um deus cuja moral está abaixo da perfeição, pode receber admiração, mas nunca adoração. E por isto que é essencial para o teísta ortodoxo que Deus deve ser imaginado como perfeitamente bom. (Sontag & Bryant, 1982, p. 199)

Que o cristianismo e outras religiões teístas acreditam em Deus, isto é um componente básico destas religiões. Estas religiões não teriam mais significado e perderiam seus seguidores e devotos, se o Deus Chefe não for "perfeito". Assim, a afirmação da existência de um Deus perfeito é uma necessidade. Entretanto, a afirmação da

---

20 Adj. Que diz respeito à filosofia, próprio da filosofia. *Filosofia:* s.f. Conjunto de concepções, práticas ou teóricas, acerca do ser, dos seres, do homem e de seu papel no universo. Atitude reflexiva, crítica ou especulativa, de elaboração de tais concepções. Conjunto de toda ciência, conhecimento ou saber racional. Reflexão crítica sobre os fundamentos do conhecimento (valores cognitivos), da lógica, da ética e da estética (valores normativos). Sistema de princípios que explicam ou sintetizam determinada ordem de conhecimentos: filosofia da história. Sistema particular de diretrizes para a conduta: adaptar sua filosofia às circunstâncias. Sistema de um filósofo: a filosofia de Aristóteles. Conjunto de doutrinas de uma escola, época ou país: a filosofia grega. Sabedoria de quem suporta com serenidade e firmeza os acidentes da vida: receber um mau golpe com filosofia. Idem.

existência [de tal Deus perfeito] tem às vezes surgidas de diversas direções cognitivas[21] e fontes sincréticas[22] em um absoluto critério epistêmico[23]. Para apoiar a crença que Deus existe, alguns apoiam-se na revelação, no qual Deus revelou a Si Mesmo, de várias formas apropriadas a cada circunstância, para certas pessoas como Moisés, Mohamed, e o escritor do Apocalipse na Bíblia Sagrada.

Outros reivindicam conhecimento do Numinoso[24] por Sua intuição direta de seu Ser. Outros acrescentarão razões morais para apoiar tal conhecimento. Alguns outros usarão a natureza do cosmos para apoiar sua afirmação epistêmica, enquanto ainda outros reivindicarão o conhecimento por uma questão de fé. Seja qual for o método de descoberta cognitiva, Deus é encontrado em todas as formas de teísmo[25], e certos

21 Adj. Relativo à cognição; cognoscitivo. *Cognição:* s.f. Faculdade, ato ou ação de conhecer; aquisição de um conhecimento. Idem.

22 Adj. Relativo ao sincretismo. *Sincretismo:* s.m. Sistema filosófico ou religioso que tende a fundir numa só várias doutrinas diferentes; ecletismo. Amálgama de concepções heterogêneas. Idem.

23 Adj. Relativo à episteme. Episteme*:* [Filosofia] 1. Conjunto de diversos saberes relativos a uma época; 2. Conhecimento científico, por oposição à opinião sem fundamento, sem base, ou sem reflexão. <http://www.priberam.pt/DLPO/>

24 Adj. (lat numen+oso) Segundo a filosofia da religião de Rudolf Otto, aplica-se ao estado religioso da alma inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade. <http://www.dicio.com.br/>

25 Conceito teológico que admite a revelação e a interação de Deus para com a humanidade, seja diretamente ou através de divindades. Por sua vez, o teísmo tem várias subdivisões conceituais, algumas completamente opostas. O teísmo cristão superlativa Deus com todos os atributos positivos, reconhecendo no diabo todos os superlativos negativos, diferente do teísmo judeu, que admite vir tanto o bem, como o mal, do mesmo Deus. Contrapõe-se ao "deísmo", conceito que admite a existência de Deus, mas que este não se revela e não interage com a humanidade. Para saber mais: . <http://espacodomacom.blogspot.com.br/2008/11/tesmo-desmo-atesmo.html>

atributos são intrínsecos[26] para Sua natureza, para merecer uma exaltada e não paralela devoção e culto.

Embora pudesse ser filosoficamente interessante analisar o ateísmo, agnosticismo, e claro, teísmo, por este tipo de entendimento filosófico, isto não é diretamente relevante para nossa discussão do problema do mal. Nosso interesse é com a natureza de Deus no teísmo, pois esta natureza também tem certos atributos, e é a consequência destes atributos que põe em foco o problema do mal, diante da realidade que nos cerca.

Voltando para Quinn, em seu engenhoso e lúcido ensaio acima citado, numa clara visão dos desdobramentos da questão, ele afirma que:

> "Teístas também sustentam que Deus criou os Céus e a Terra. Deus é, portanto, ao menos responsável pelo bem e o mal das coisas contingentes do cosmos. Teístas não podem evitar a discussão com o problema do mal. Como poderia um Ser perfeitamente bom criar um mundo não tão bom, se Ele podia fazer melhor? E [ao questionarmos] se um Ser digno de adoração poderia criar um mundo melhor do que ele fez, é compromisso teísta afirmar que este é o melhor de todos os mundos possíveis.[27]

Assim propriamente compreendido o Divino Ser, digno de culto nas religiões de grandes livros sagrados (e aqui o ponto de referencia são cristãos e muçulmanos), Ele tem sido conceituado de tal forma que tem todos os graus [positivos] superlativos e ilimitados,

---

26 Adj. Que é próprio e essencial: qualidade intrínseca. Que existe por si mesmo, fora de qualquer convenção. Idem.

27 Contingente: S.m. Parte que cada um deve fornecer ou receber; cota. Idem

mas nenhum atributo negativo, [de tal forma que] como o maior Ser concebível, não falta-lhe nenhum atributo ou predicado positivo - Mas é isto o que a realidade contradiz.

Porque, se este Ser Supremo assim concebido criou o mundo habitado por humanos tão organizados, então é preciso pelo menos dar conta dos males e doenças naturais que atormentam o universo criado por este Ser. Pode-se deixar de lado os males morais, econômicos, sociopolíticos, etc., como sendo dependentes [da ação] do homem, e como tal evitáveis se o homem assim desejar.

Simplificando, o problema do mal para o teísta é:

1) Se Deus é Onipotente, Onisciente, Criador (causa sui ou prima causa)
2) Todo Amor, Todo Bondade, Todo Misericordioso, então como nós podemos explicar o mal?
3) Deus causa o mal?
4) Se Deus não causa o mal, então quem o causa?
5) Quem criou a causa do mal?
6) O criador do mal tinha conhecimento de todo presente, passado e futuro?
7) Ou, é Deus Todo Amor, Todo Bondade, Todo Poder, mas não pode impedir o mal (o que é obviamente um absurdo)?
8) Ou Deus não deseja impedir o mal? (Bewaji, 1985, p. 343-344)

Este é o dilema que o teísta tem que encarar diretamente! O Cristianismo e outras religiões monoteístas conceituadas desta forma, não tem uma maneira fácil de escapar deste duplo dilema, ou de contorná-lo.

Se disserem que Deus não cria o mal, teriam que admitir que não há mal no mundo, o que é evidentemente falso, a menos que nós redefinamos nossas concepções. Ou que alguém criou o mal, o que significa que Deus não criou todas as coisas. Mesmo com esta ressalva, ainda permanecerá o problema de quem criou o criador do mal – ou então que o mal é autocriado, o que igualmente não convence. Se disserem que Deus não deseja erradicar o mal, isto significa que:

1) ou Ele não tem poder para acabar com o mal,

2) ou Ele é sádico e malevolente, opções que são totalmente inaceitáveis para o teísta.

Deus, ou tornar-se ateísta, ou ao menos, agnóstico.

A tentativa mais comum para solucionar o problema dentro do Cristianismo e do Islã consiste em dizer que Lúcifer, ou Diabo, ou Satã, o qual era formalmente o anjo assistente de Deus, é o causa ou a origem de todo mal no universo. Ele era um anjo bom encarregado com poderes e subordinado apenas a Deus, mas que, por causa de sua ambição e conspiração, tornou-se um demônio totalmente mau. Embora seja capaz de aparentar uma bondade temporária, seja qual for a forma que ele use, são com finalidade de executar seus diabólicos planos do mal. Assim apresentado, ele é o Diabo. O que um bom cristão ou muçulmano deve fazer é carregar sua armadura de defesa aliando-se com armas de salvação de Deus, e lutar contra o único mal – Satã, o príncipe das trevas.

Algo assim tão persuasivo e simples, obviamente não pode escapar de objeções, ou ao menos, reconsiderações. Se Deus é Todo Poder e Toda Bondade [e conhece o passado, o presente e o futuro] ... Ele não deveria ter criado Satã ou Lúcifer. Se ele criou Satã errado, não deveria ser difícil para Ele corrigir o erro e melhorar Satã, a menos que Ele não seja, em contrapartida, Todo Poderoso.

Antes de considerarmos este problema e como ele diz respeito a *Olódùmarè* entre o povo Ioruba, deve ser enfatizado que o problema do mal não surge no contexto religioso do velho testamento. Ali Deus podia e exerceu Seus poderes para realizar o que Ele designou e desejou – cujo desejo está de acordo com a máxima retidão e justiça, ainda que este pensamento de justiça seja dentro de uma perspectiva judaica. Assim, ele causou a destruição do exercito do Faraó, causou um tremor de terra para destruir as muralhas de Jericó, e comandou Saul para matar totalmente os Amalequitas.[28] Havia ali o Criador que permanecia firme por justiça e somente perdoava o penitente que fazia as expiações e remissões por seus pecados contra Ele e Seu povo escolhido. Em nenhum lugar foi Deus reconhecido no velho testamento como um mal por fazer estas coisas que causaram grandes sofrimentos às pessoas. Mesmo o episódio do novo testamento, cujos demônios foram enviados para dentro dos porcos, os quais depois pereceram no mar, foi interpretado pelos evangélicos como uma coisa boa – sem levar em contar o investimento dos proprietários dos porcos, que não eram judeus.

No plano extra teológico, alguém pode perguntar uma relevante questão epistemológica: Qual a fonte do entendimento, de que o criador do mal é Satã ou Lúcifer.

---

28 "Vá, pois, agora e fere a Amaleque, e destrói totalmente a tudo que tiver, e não lhe perdoes, porém matarás desde o homem até a mulher, desde os meninos, até os de peito, desde os bois até às ovelhas, e desde os camelos até os jumentos". 1 Samuel 15:3 <http://www.bibliaonline.com.br/acf/1sm/15>

- Baseou-se em que?
- Testemunho ocular?
- Conclusão derivada do assunto?
- Mera especulação dos fenômenos e desastres naturais?
- Reflexão sobre o sofrimento humano?
- Porque lutamos com um inimigo sobre o qual nós sabemos muito pouco?
- Como teremos certeza que Lúcifer é a origem de todo o mal, e não apenas o bode expiatório um deus teísta?

Tais questões certamente não receberão atenção de um teísta comprometido, ainda que elas sejam relevantes e não diminua seu comprometimento com seu Deus, ele apenas aumentará a sua forma de entender o seu Deus.

Eu não vejo como pode ser pior para o homem, o entendimento de que Deus pode recompensar ou punir, com o bem ou mal, de acordo com a bondade ou maldade humana, como mostra o antigo testamento.

A QUESTÃO DO MAL NA FILOSOFIA DA RELIGIÃO IORUBA

É simplesmente uma questão acadêmica começar dizendo que o povo Ioruba tem muitas divindades, através das quais, cada grupo aproxima-se de *Olódùmarè.* Isto significa que não é qualquer um que pode falar da religião Ioruba tradicional. Tal linha de raciocínio nos ajudará no crucial trabalho de entender como os Ioruba concebem o mal, antes do cristianismo.

Tanto quanto é racionalmente possível, deve-se enfatizar que o problema do mal, não foi, não é, e não necessita ser analisado dentro da religião tradicional Ioruba. De fato, esta afirmação axiomática[29] necessita da máxima ênfase, e apesar de todos os esforços para mostrar o contrário, somente esta conclusão parece ser algo aceitável e defensável. *Olódùmarè* tem todos os atributos que Idowu, Mbiti, Awolalu, Dopamu, e outros teólogos estudiosos anotaram, isto é, *Olódùmarè* é a origem do universo, e Ele é o Ser o qual ninguém maior pode ser concebido.

Permita-nos considerar alguns destes atributos, particularmente aqueles que tem gerado o dilema de como explicar o mal no cristianismo. A este respeito, seremos breves, apresentando os fatos como são apresentados por outros estudiosos, e como são encontrados na religião tradicional Ioruba.

a) *Olódùmarè* é o Criador, Cause e Origem de todas as coisas:

Aqui Idowu diz:

> " ... nós aprendemos que as divindades vieram a existir através de *Olódùmarè* e que o ato da criação da terra foi delegado por Ele. Todas as coisas no céu e na terra devem sua origem a Ele. No seu atributo de Criador, Ele é conhecido como Eleda (Elédàá). Ele é a origem e o Doador da vida, e dentro desta capacitação Ele é chamado ele Elemi (Eléèmí), o Senhor do espírito, ou, o Senhor da vida." (Idowu, 1962, p. 39; Mbiti, 1969, p. 40 e 1970, p. 47)

---

29 De axioma. " Proposição tão evidente que não precisa ser demonstrada" . <Dicionário on line Priberam>

A evidencia que *Olódùmarè* é Criador de todas as coisas, é apresentada praticamente em todos os relatos do relacionamento entre *Olódùmarè* e o universo. Onde Ele não agiu ou criou diretamente, Ele delegou as divindades para criar, e supervisionou o trabalho da criação. Assim, ele cria ambos, o bom e o ruim, o bem formado e o mal formado, a estação da chuva e a estação da seca. É Nele que deve ser procurada a causa de todas as coisas, e todas as coisas que existem tem uma razão e pode ser compreendidas pelo pensamento.

b) *Olódùmarè* é a Mais Poderoso Ser para O qual nada pode ser maior ou menor, estar acima ou abaixo:

> "Os poderes dos reis, ancestrais, anciões, feiticeiras, herbalistas, curandeiros, divindades, etc., são todos derivados de *Olódùmarè*, limitados e limitáveis por Ele. E esta característica que, na linguagem dos padres e estudiosos homens da Igreja, se entende por Onipotência. Isto não pode ser questionado, uma vez que o Ioruba obviamente acredita que todo o bem e o mal tem sua origem a partir de *Olódùmarè*." (Idowu, 1962, p. 40-41)

Aqui, como em toda a criatividade de *Olódùmarè*, não devemos nos surpreender que todo o bem e o mal estão sob o controle e supervisão de *Olódùmarè*. Em última analise, cada uso próprio ou impróprio de algum poder, é objeto para o julgamento final de *Olódùmarè*. Desta forma, os malfeitores nunca escapam da punição.



c) O conhecimento de *Olódùmarè* é incomparável, por isso, não há igual:

Tendo evitado o uso da expressão clássica e neoclássica Onipotência, é também aconselhável evitar o uso da palavra Onisciência, no sentido mais abrangente do conhecimento e sabedoria do Supremo Deus entre o povo Ioruba. Isto não é porque Ele tem dificuldades conceituais e dilemas engendrados. Não há controvérsias quanto ao fato de que *Olódùmarè* ter o máximo conhecimento.

Entretanto, o fato de que algumas coisas acontecerem "sem que Ele veja", é confirmado no aspecto prático da criação, manutenção e funcionamento do universo, aqui, ali, e em todo lugar, incluindo até mesmo o domínio de *Olódùmarè* (*ọ̀run* ou céu). Ele utiliza os recurso de *Ifá-Ọ̀rúnmìlà*, sua a sabedoria e os meios para discernir a situação dos acontecimentos passadas, presentes e futuros.

Esta sugestão referente à limitação do conhecimento de *Olódùmarè*, tem sido um dos principais argumentos para a contradizer aqueles que utilizam-se dos conceitos ultrapassados de Idowu, e reforçada pelo estudo de religiões comparadas. Por isso, é importante apoiá-lo com exemplos concretos a partir de extensos materiais dentro da tradição Ioruba.

No trabalho de Idowu encontramos:

(i) O relato de como a terra sólida foi criada relatado pela delegação de algumas divindades para realizarem o trabalho, como o trabalho foi realizado, e como *Olódùmarè* foi informado, na volta das divindades. (Idowu, 1962, 18ss)

(ii) Uma vez *Olódùmarè* consultou o oráculo para saber mais sobre Sua possível morte, e nós ouvimos esta passagem de *Ifá* dizer (Idowu, 1962, p. 43):

1. Ogbè'yẹ̀kū:

Kòròfo, awo Ajà-Ilẹ̀
L'ó d'Ifá fun Olódūmarè
T'o sọ wipe nwọn ò ni'gbọ́ ikú rẹ̀ laílaí

Korofo, o sacerdote de *Ajà-Ilẹ̀*
Foi aquele que consultou *Ifá* sobre *Olódùmarè*
E declarou que a notícia de sua morte nunca seria ouvida, para sempre.

Outra passagem diz:

2. Ogbè'yẹ̀kū:

Olódùmarè sà'yẹ, ē kú mọ́
Gbogbo orí nfun puru-puru-puru

Olódùmarè esfregou sua cabeça com *iyè-iròsùn*, Ele nunca morrerá
Toda Sua cabeça veio a ser grisalha.

Todos os versos foram registrados em *Ogbè Òyèkú*, conforme Idowu. Entretanto, as traduções inglesas providas por ele não são as mais apropriadas ou as mais acuradas e fiéis [à versão Ioruba].

A tradução da segunda linha, do primeiro verso, fala como se não fosse o próprio *Olódùmarè* que consultou Korofo, o awo de *Àjà-Ilè*, dando a entender que Korofo, sem nenhuma solicitação, fala sobre *Olódùmarè*.[30]
O segundo verso fala do oráculo assegurando a imortalidade de *Olódùmarè*. Assim devidamente compreendido, é obvio que foi *Olódùmarè* que realizou a consulta. Na mesma linha, Òkànràn-Òsàá diz (Idowu, 1962, p. 44):

Odomodé ki'gbó'kú aso
Yéyéyé l'aso'gbó
Agbàlágbà ki'gbó'ku aso
Yéyéyé l'aso'gbó
Odomodé ki'gbó'kú Olódùmarè
Yéyéyé l'aso'gbó
Agbàlágbà ki'gbó'kuOlódùmarè
Yéyéyé l'aso'gbó

30 O verso *L'ó d'Ifá fun Olódùmarè* significa "Foi aquele fez *Ifá* para *Olódùmarè*". Para melhor justificar a critica de Bewaji à tradução "equivocada" de Idowu, inserimos o verso Ioruba conforme consta no original, de Idowu. Podemos ver que Idowu traduziu para o inglês como "*Is the one which consulted the oracle about Olodumare*" (Foi aquele que consultou *Ifá* sobre *Olódùmarè*), no claro propósito de inverter o sentido Ioruba para transparecer que não teria sido *Olódùmarè* que consultou o *Ifá*, mas sim, que teria sido o babalaô que consultou *Ifá* sobre *Olódùmare*, por sua própria conta, numa clara manipulação desonesta do texto Ioruba, como vem atualmente fazendo alguns Ioruba aculturados com as religiões estrangeiras.

O jovem nunca ouviu que sua roupa morreu
A roupa velha usa-se como remendo
O ancião nunca ouviu que sua roupa morreu
O jovem nunca ouviu que Olódùmarè morreu
A roupa velha usa-se como remendo
O jovem nunca ouviu que Olódùmarè morreu
A roupa velha usa-se como remendo

Apesar da pitoresca e onomatopeica apresentação da estrofe, alguém pode ter em mente a crucial elucidação feita pelo próprio Idowu, e que é de singular importância sobre as considerações dos atributos de *Olódùmarè*. Ele diz:

> " O mito conectado com este verso diz que foi o próprio *Olódùmarè* que procurou os meios da imortalidade. Ele foi avisado para fazer alguns sacrifícios e providenciar para Ele mesmo um largo pedaço de pano branco. Quando os ritos necessários foram realizados, o pano branco foi aberto sobre ele, de forma que ele foi completamente coberto. Desde este tempo ele veio a ser imortal." (Ibid.)

Ao contrário da tradução anterior má interpretada, podemos observar que Idowu foi fiel às suas fontes nesta passagem. Ele foi capaz de livrar-se das algemas das classes ontológicas, e das demandas teológicas cristãs. Há vários exemplos [de Idowu] relatando a Onipotência, Onisciência e Criatividade de *Olódùmarè*, mas apenas mais um exemplo será citado.



Então, Idowu diz:

> " ... existe uma história que conta que o próprio *Olódùmarè* ficou uma vez perplexo sobre um assunto muito importante. Todas as outras divindades tentaram, mas falharam ao tentar desvendar o motivo de sua perplexidade; somente Ọrúnmìlà teve sucesso colocando seu dedo na fonte do problema ..." (Ibid p. 77)

Isto mostra que embora *Olódùmarè* tenha a supremacia da sabedoria, ele dotou uma divindade com o trabalho de divinizar as causes dos problemas, orientando curas, remédios e conselhos. Para suavizar a profunda implicação deste fato, Idowu então declara:

> "Obviamente, esta história foi formulada para realçar a importância de Ọrúnmìlà, sem qualquer concepção de que isto venha diminuir os atributos de *Olódùmarè* de ser Todo Sabedoria." (Ibid. p. 77)

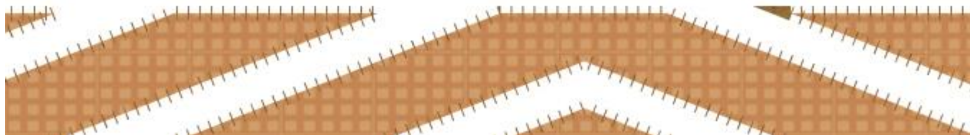
Contrariando Idowu, este fato não tem nenhuma uma reprovação pelos Ioruba, nem apresenta qualquer incongruência em seus conceitos de *Olódùmarè*.

Também, de nenhuma forma diminui a qualidade de *Olódùmarè,* de ser "Todo Sabedoria". Isto é porque equivocadamente, Idowu supõe que, uma vez que foi *Olódùmarè*, que criou *Ọ̀rúnmìlà* com sua sabedoria, os atributos de um ser criado não podem equivaler-se aos atributos do Criador.

Esclarecendo este ponto, Wande Abimbola sugere:

> "De acordo com mitos, numa ocasião quando não havia separação entre o céu e a terra, *Ifá* foi encarregado por *Olódùmarè* para usar sua grande sabedoria para resolver os problemas para ele." (Abimbola, 1976, p. 5)

A fidelidade de Abimbola resulta do fato de que ele estava trabalhando com o *Corpus Odu* de *Ifá*, como uma forma de personificação da sabedoria de *Olódùmarè* na forma de um legado à *Òrúnmìlà*. Ele não estava preocupado com a definição dos atributos de *Olódùmarè*. Neste trabalho, ele reconta uma história da discórdia ente um sacerdote de *Ifá* e *Òrúnmìlà*, e como *Olódùmarè* questionou a ambos os lados sobre a disputa (Abimbola, 1976, p. 45 e 107). Os Ioruba não veem nenhuma incongruência nisto, por que justiça demanda imparcialidade, concernente em qualquer disputa. À parte disto, "se o filho é sábio, é por que o pai é sábio, e este é o fundamento que construiu *Ilè-Ifé* ", como diz um ditado popular Ioruba, significando que ninguém pretenderá ter todo o conhecimento. Nós retornaremos nestas questões depois. Por enquanto, permitam-nos considerar outro atributo de *Olódùmarè*, o Supremo Ser entre o povo Ioruba.



d) *Olódùmarè* é o Supremo Juiz:

> Na religião tradicional Ioruba, muitos atributos são coincidentes com a bondade de *Olódùmarè*. Isto inclui imparcialidade de julgamento, pois quando um caso é levado diante Dele, Ele ouve atentamente ambos os lados. Deus executa a justiça com equidade compassiva, mas ele não permite desonestidade ou esperteza maliciosa. Como um Supremo Rei, após sua corte não há outra corte de apelação ou revisão de erros. Por este motivo Ele não toma decisões arbitrárias que conflitem com os ditames de justiça. (Idowu, 1962, p. 40ss)

Agora, ocasionalmente, por causa da limitação do nosso entendimento de Deus, o homem pode imputar julgamentos imperfeitos julgamentos ou ações para *Olódùmarè*, o que para o Ioruba, isto apenas enfatiza o fato que *Olódùmarè* está acima da compreensão humana. Se nós tivéssemos acesso a todos os fatores antecedentes e eventos futuros, seria-nos possível entender completamente as ações de *Olódùmarè*. Somente Ọ̀rúnmìlà tem acesso a este tipo de conhecimento e o ajuda na assistência do universo. A inescapabilidade do julgamento na crença Ioruba comentada por Idowu, como segue:

> "*Olódùmarè* é a palavra final de todas as coisas. Ele é o Juiz. Ele controla o destino do homem e cada um receberá Dele, como merece. Mas aqui na Terra o julgamento já começou para todos os homens, de acordo com seu caráter ... e é *Olódùmarè* que julga o caráter. (Ibid, p. 42)

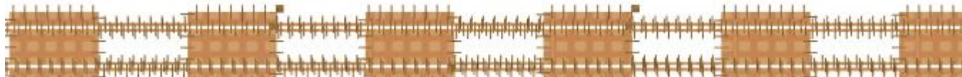
E Mbiti diz:

> "Em muitas sociedades, acredita-se que Deus pune individualmente através de doenças, desgraças, esterilidade, ou morte. O Ioruba considera Deus como Juiz sobre todos, e quando a desgraça acontece, as pessoas dizem: "Ele está debaixo do chicote de Deus". (Mbiti, 1970, p. 77)

Em um outro trabalho relacionado a este assunto, escrevemos:

> "Não há dúvida que Deus é o mais poderoso Ser, e que Ele tem todos os superlativos atributos que alguém pode considerar, mas o Ioruba não pensa que Tal Ser não possa fazer, permitir ou causar o mal. Ele é parte dos atributos do Supremo Ser para que Ele possa utilizar todas as coisas." (Bewaji, 1988, p. 243)

As implicações destes atributos de *Olódùmarè,* de que Ele é o mais Poderoso Ser, o Criador, O Sábio e Imparcial Juiz, que exerce inexorável controle sobre tudo e sobre todos no universo, dentro do contexto de crença Ioruba, o problema do mal cai por terra, por que um Ser com todos os atributos, como dito acima, é concebido como capaz de ambos, o bem e o mal. Ele usa ambos, para o fim último de um bom governo do universo (Idowu, 1962, p. 76). De fato, dizer que Deus não pode fazer o mal é, desnecessariamente, delimitar Seu poder.



A esse respeito, afirmamos anteriormente em outro trabalho:

> "Igualmente, alguns dos atributos de *Olódùmarè* são diametralmente opostos com os do Deus cristão. Consequentemente, algumas dos problemas e teorias que surgem no Cristianismo, não surgem para os africanos ... as fontes mal do são criadas por Deus e ajudam a manter os altos padrões morais. O Deus cristão é sempre misericordioso, lento para irar-se, mas rápido para perdoar (de fato Ele não deseja a morte do pecador, mas que se arrependa e seja salvo), enquanto que, o Ioruba *Olódùmarè* é um Deus moralmente correto, que faz a justiça aqui na terra, não depois, onde não temos a certeza que alguém testemunhará e aprenderá com ela. (Bewaji, 1985, p. 343 e 345)

Todos os estudiosos que temos considerado concordam que o mal, como tal, não é compreendido. Nada é intrinsecamente mal. Nós chamamos algo de "mal" por que ele não nos favorece, ou porque ele nos causa aflição. Nós podemos não saber ou entender o motivo do acontecimento ou ação; em última instância, ele faz parte do total desígnio de *Olódùmarè*. Seus atributos não excluem o instrumento e uso do mal para o aperfeiçoamento da sociedade. Deus é o Criador, Ele criou todas as coisas, positivas e negativas. Porque? Nós não podemos saber. Seus caminhos são incompreensíveis.

Deus é o mais poderoso Ser, por isso, Ele faz e pode fazer qualquer coisa, incluindo o bem e o mal. É apenas natural que o mais Poderoso Ser não tenha impedimentos, especialmente na execução da justiça. Deus é Todo Saber (Onisciente) e conhece todas as coisas. *Ifá* o ajuda neste respeito como um agente que Ele criou como o repositório de sabedoria e conhecimento. Não há conflito em dizer isso. Ele ainda permanece o total Controlador deste ser a quem Ele confiou sabedoria. Isto é o contrário do Deus cristão, que após ter dotado Satã com poderes, perdeu o controle sobre ele.

Finalmente, Deus é o Juiz, Ele julga a todos de acordo com seus atos, Ele recompensa a retidão e pune o mal.

Assim, *Olódùmarè* está muito mais próximo do Jeová do velho testamento em seu requerimento de honestidade e retidão. Isto assegura lei e ordem na sociedade envolvida. Quando o Deus cristão foi introduzido [na cultura Ioruba], tornou-se fácil pecar num dia, e ter seus pecados perdoados no dia seguinte através de uma especial ação de graças. Esta introdução criou espaço para uma permissividade que nunca antes havia sido vista na sociedade Ioruba. Um abismo foi criado onde não há ponte. Hoje, as pessoas juram sobre a bíblia e o alcorão, sem escrúpulos, mas recusam-se a fazer o mesmo sobre *Ògún, Ṣàngó*, ou qualquer outra divindade. Eles encontram um conveniente, mas dúbia desculpa, para depreciar, numa justificativa culturalmente escravizada, que *Ṣàngó* ou *Ògún* são cultos de ídolos.

Em uma explanação semelhante sobre a religião *Igbo, Onuoha* diz que:

> "A religião tradicional não faz apologia para contra a lei da retribuição. Cada ato de imoralidade corrompe o balanço da ordem ontológica, e Deus ordenou que a lei do efeito recíproco restaurará esta ordem automaticamente. Esta lei age cegamente como um reflexo ou um bumerangue. A dor decorrente de todo crime precisa ser aplicada. A justiça de Deus não pode ser comprometida. Este sistema de justiça previne o crime e as tendências criminosas na sociedade." (Onuhoa, 1988, p. 384)

Questões podem ser levantadas considerando as questões puramente filosóficas, de como nós discernimos a lei ordenada por *Olódùmarè*, e como a lei opera, e se uma lei divina não é mais fraca que um sistema de leis feitas pelo homem.

Alguém pode, entretanto, argumentar que estas questões acadêmicas não tem nenhuma relação direta com os problemas da vida comum. Estas questões de plano puramente acadêmico são relevantes para qualquer base moral e teológica, não apenas para um sistema moral tradicional. De qualquer forma, que mais justificativa alguém precisa para o anarquismo e a criminalidade - fenômeno que era raro nas sociedades africanas tradicionais - problemas que agora assolam as assim chamadas - sociedades civilizadas - que adotam as religiões teístas [cristãs].

É por isso que alguns estudiosos tem exaltado em seus escritos referencias ao antigo bom passado da África. Não estamos dizendo que não há pontos escuros no passado africano; existiram guerras e atividades criminosas, mas estas foram facilmente controladas. De fato, ninguém deliberadamente faz o mal e consegue ficar ileso. Os rituais apaziguam atos de omissão ou erros, abrandam a punição, e é o pagamento por crimes e erros cometidos. Se os antigos sistemas de juramento e acordos contratuais pudessem ser restabelecidos, poderíamos testemunhar uma melhor distribuição da justiça e uma redução do crime.

Assim, a crença da punição do homem ainda nesta vida aumenta o bom comportamento, mais do que acreditar na punição na outra vida, sabe-se lá quando. Os iorubás acreditam que aqueles que cometem um crime em segredo, sofrem secretamente em silencio. Além disso, esforços são feitos para expiar os crimes, pois eles mancham o criminoso *(ọ̀dáràn)*, sua família *(ẹbí)*, seus ancestrais *(baba-nlá-nlá)*, seu clã *(ìdílé)* e sua sociedade *(egbẹ́)*. Ofensas graves chamam a morte e excomunhão, marcando as futuras gerações. Os rituais, como uma convenção não registrada, são mais eficientes que todos os códigos legais promulgados e eliminam a possibilidade de um advogado esperto buscar brechas na lei, dentro de um sistema de exploração.

Finalmente, quando alguém considera este sistema, e o entendimento de divindade, mal e justiça, reconhece que ele tem mais justificativas racionas e mais base humanitária do que a permissividade que tem corroído todas as normas de decoro e comportamento na presente sociedade. Para mim, é mais razoável, o uso de uma suposta existência de uma divindade justa que pune aqui e agora, do que a punição sobre as futuras gerações, como diz o velho testamento, que permite ao pecador continuar pecando, até que um dia se arrependa.

Assim, a critica dos Ioruba para a nova crença, é que antes do malfeitor ser punido na outra vida, muitas coisas boas e sérias foram aqui estragadas.

ÈS̱Ù E OLÓDÙMARÈ: INTERPRETAÇÕES CONFLITANTES

O usual entendimento e interpretação de *Ès̱ù* é que ele é uma das divindades maiores entre o povo Ioruba. Conforme Idowu:

> "*Es̱ù* é, a princípio, o agente especial de comunicação entre o céu e a terra, o inspetor geral que relata regularmente para *Olódùmarè* as ações das divindades e dos homens, checa e relata minuciosamente sobre a exatidão do culto em geral, e os sacrifícios em particular." (Idowu, 1962, p. 80)

Isto claramente mostra que como uma divindade capaz de fazer seus deveres como encarregados por *Olódùmarè, Ès̱ù* ocupa uma proeminente posição entre as divindades. He realiza estes deveres sem favorecimento. Assim, *Ès̱ù* é um bom ministro de Deus. Ele é o executor [da Lei] que assegura a proteção ou a punição aconteçam em qualquer ação. Ele é, por isso, cortejado e até mesmo subornado. Quando tais tentativas falham,

na intenção de corromper o justiceiro e executor divino, e os faltosos recebem a punição merecida, chamam *Ès̱ù* de diabo ou satã, principalmente após o advento do cristianismo a do islamismo. As novas religiões procurando por uma equivalente do diabo ou satã [de suas religiões], encontraram em *Ès̱ù* alguém conveniente.

Idowu, a respeito do que foi dito acima, foi ainda compelido a defender o ambivalente entendimento de *Ès̱ù*, quando diz:

> "Há um inequívoco elemento de mal em *Es̱ù*, motivo pelo qual ele tem sido predominantemente associado com as coisas demoníacas. Há aqueles que dizem que a função primária de *Es̱ù* é estragar todas as coisas. Mas mesmo assim, nós não podemos chama-lo de diabo ... pois o elemento de mal que existe em *Es̱ù* pode ser encontrado no mesmo quilate na maioria das outras divindades". (Idowu, 1962, p. 83)

A indecisão registrada nesta, e em muitas outras passagens nos trabalhos de Idowu, providenciaram material para caprichosas interpretações e depreciações.

Equivocadamente, Do̱pamu, em seu recente livro *Èsù: The Invisible Foe of Man*, trabalhado extensivamente, mas, no meu entender, *sem sucesso*, apesar da competência e erudição intelectual que ele mostrou, para chegar a tão desejada equivalência cristão e muçulmana, de *Ès̱ù* com Satã. (Dopamu, 1986)

Esta tendência também está presente em um trabalho anterior de Do̱pamu em coautoria com Awolalu, onde ambos comentam o reconhecimento de Idowu com a ambivalência de *Ès̱ù* (Awolalu & Do̱pamu, 1979, p. 82-83). Mas a insatisfação de Do̱pamu com esta confusão e indecisão do material coletado para escrever o livro, foi o que abriu caminho

para mostrar a completa equivalência de *Èṣù* com satã em seu próprio trabalho [acima citado]. Por isso, ele diz:

> "Na crença Ioruba, *Eṣù* é frequentemente associado com o poder do mal referido por Idowu. E é neste sentido que nós reconhecemos *Eṣù* e trabalharemos com a nossa exposição de sua figura, natureza e caráter.(Dopamu, 1986, p. 13)

O projeto de Dọpamu teria servido a uma dupla finalidade, se tivesse tido sucesso:

Primeiro, ele deveria ter apresentado uma intelectual justificativa para a gratuita e maliciosa tradução de *Èṣù* como diabo ou satã, e ao mesmo tempo, uma explicação introdutória do problema do mal para dentro de uma cultura e ambiente religioso estrangeiro.

Segundo, deveria ter efetuado um trabalho acadêmico acurado de uma tema que é de interesse de investigação de muitas disciplinas.

Vamos examinar as alegações de Dọpamu para igualar satã com a divindade Ioruba *Èṣù*. São eles:

a) *Èṣù* é satã porque as escrituras do cristianismo e islamismo assim dizem.

b) O povo Ioruba parece ter aceito esta equivalência por cristãos e muçulmanos.

c) Os Ioruba afirmam que originalmente *Èṣù* não era intrinsecamente mal, mas ele foi desobediente e arrogante, e veio a ser a personificação, sempre opondo e destruindo o que é bom.

d) Como os Ioruba não colocam a responsabilidade do mal sobre *Olódùmarè*, então *Èṣù* precisa ser a causa, juntamente com seus agentes.

e) Como *Èṣù* é infinitamente versátil e caprichoso, sua natureza maldosa sobrepõe-se a sua bondade.

f) Awolalu e Dopamu acreditam que há um elemento de mal em *Èṣù*. Por isso, Dopamu conclui que *Èṣù* é o satã ou diabo do novo testamento – um excluído ser do mal.

Estes não me parecem ser argumentos convincentes para, sobre o qual, ancorar uma conclusão crítica da religião, metafísica, moral, cultural e linguística, de que *Èṣù* é o satã. Na realidade, esta é a tradição Ioruba da sua mente.

Primeiro, as escrituras traduzem satã como *Èṣù*, mas não justificam tal tradução. Na procura pelos religiosos estrangeiros para um equivalente apropriado de satã, a divindade mais próxima foi escolhida, sem reconhecimento das diferenças, e sem nenhuma explicação. Tal tradução é totalmente arbitrária e uma mera conveniência.

Muitas palavras ioruba tem sido similarmente traduzidas, permitindo a continuação da comissão do erro, do mau entendimento, da má interpretação, e confusão, contra o qual Sodipo e Hallen (1986, p. 15-39) avisam no primeiro capítulo de seu seminal livro. Lá, seguindo Quine, eles argumentam contra a imprecisa tradução palavra por palavra de um termo linguístico dentro de outro, por causa da indeterminação do significado entre a primeira e a segunda língua.

Segundo, o fato dos ioruba terem aceitado a tradução apresentada, não significa que tradução é precisa. Uma mentira repetida muitas vezes, facilmente se faz parecer uma verdade. Isto é muito mais comum do que parece o caso, pois, diariamente, os professores religiosos falam aos ouvidos dos Ioruba que eles estão errados desde o início na sua concepção de *Èṣù*, enquanto que as escrituras estão certas. O medo da eterna condenação no fogo do inferno (também um novo fenômeno no terreno religioso do povo Ioruba) assegura o silencio, mesmo em face de uma flagrante falsidade.

Terceiro, a afirmação de ser *Èṣù*, premeditadamente ou maliciosamente desobediente ou arrogante para *Olódùmarè,* uma acusação sem provas, resulta da queda bíblica de Lúcifer. Ele pode ser atrevido por que ele assegura a justiça sem temor ou favorecimento, mas nem Idowu, nem Awolalu, nem o próprio Dopamu, tiveram habilidade para reconhecer isto. A passagem que Dọpamu refere-se dentro do trabalho de Lijadu (1908, p. 18-21) mostra que, ao contrário do indomável satã das escrituras, ambos, *Olódùmarè* e *Ọ̀rúnmìlà* podem e tem sempre sido hábeis para dominar *Èṣù*. A tradição mostra que *Èṣù* é um indispensável amigo de todas as outras divindades e um intermediário entre o *ọ̀run* (céu) e o *ayé* (terra). Onde então está a equivalência entre o *Èṣù* e o diabo ou satã?

Quarto, vamos para uma questão crucial que merece uma muita atenção. Dọpamu, atribui aos Ioruba um conceito de fé, que Deus não se utiliza do mal. Implicitamente, isto significa então, que seria *Èṣù* o responsável por todo mal. Entretanto, ao contrário do que tem afirmado Dọpamu, temos repetidamente dito que os Ioruba acreditam que *Olódùmarè* utiliza-se de ambos, o bem e o mal, para assegurar a justiça. Em assim fazendo, *Èṣù* é o instrumento usado em larga medida. Ele realiza a vontade de *Olódùmarè* a maior parte do tempo. Ele pode favorecer ou desfavorecer alguém, de acordo com a probidade moral e o interesse individual. Se *Olódùmarè* ordena uma lei, se as divindades, os ancestrais, e a sociedade fazem leis, e alguém as quebra, qual o

melhor oficial que pode executar a lei, que o legítimo zelador da lei? É isto o que *Ès̲ù* faz. A absoluta polaridade do bem e do mal não faz sentido, se estiveram separadamente atribuídas a um ou outro, *Ès̲ù* ou *Olódùmarè*.

Quinto, a variadíssima versatilidade de *Ès̲ù* resulta do trabalho confiado a ele, enquanto que a caprichoidade atribuída a ele está baseada no fato de que, ninguém poderá saber se alguém quebrou a lei ou não [exceto *Ès̲ù*]. É somente quando o sofrimento ou um revés acontece, é que a pessoa suspeita, se a lei foi ou não, quebrada. Finalmente, o fato de alguém acreditar que alguns elementos de mal existem em *Ès̲ù* e em outras divindades, não tornam todas as outras divindades em seres maldosos, e nem fazem de *Ès̲ù* um ser do mal. É necessário enfatizar que os Ioruba acreditam que ambos, bem e mal, andam lado a lado.
Como este ensaio é primeiramente interessado em mostrar *Olódùmarè* como tradicionalmente acreditam os Ioruba, o fenômeno de *Ès̲ù* é apenas uma relevância secundária. Por causa de sua ligação com o problema do mal, alguém pode concluir esta seção com alguma referencia cruzada de materiais. De relevante, aqui, é a discussão de Onuoha, sobre o religião Igbo dentro dos assuntos relacionados. Ele diz:

> "Eles não tem uma personificação do mal, pois eles compreendem que o mal é uma imperfeição, uma não-entidade, a ausência do bem. O mal não requer uma causa. Foram os cristãos que elevaram Ekwensu à posição de antideus ou satã. A religião Igbo não tem lugar para um 'mal encarnado' ou demônio, que não faz nada a não ser o mal." (Enuoha, 1988, p. 382)

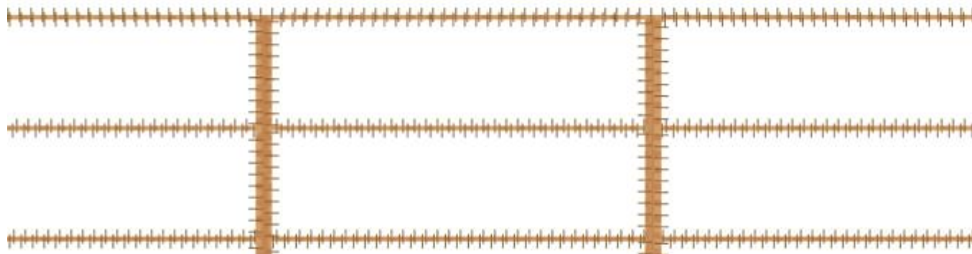
Similarmente, Mugo Gatheru sugere:

> "Quando os missionários trouxeram a bíblia para os Kikuyu, nosso povo compreendeu o antigo testamento de forma correta, pois os costumes dos antigos judeus eram

> muito similares aos nossos. Como o povo hebreu antigo, os Kikuyu é um povo temente a Deus. Eles não tinham noção, é claro, sobre Jesus Cristo, o Espírito Santo, ou o diabo ... Eles não tem o diabo. (Gatheru, 1964, p. 5-6)

Estas passagens representam a situação entre muitas sociedades tradicionais africanas. Mas a influencia da fé e a necessidade de explicar o fenômeno em uma nova língua afetou o entendimento e interpretação da religião e cultura do povo Ioruba. A importância disto socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente, etc., assim como outras influências, apenas começou, para ser sentida agudamente como possibilidade para desintegração da Nigéria e outras sociedades africanas. Sobre isso, as palavras de Babayemi são extremamente relevantes. Ele diz:

> "Precisa-se compreender que no cristianismo e islamismo existe a estrutura de oposição entre Deus e o diabo, ou seja, as forças do mal constantemente confrontando os trabalhos de Deus para destruí-lo. Mas esta estrutura de oposição não existe na concepção africana. De fato, o *Esù* Ioruba não pode adequadamente representar o diabo cristão ou o satã islâmico; *Esù* não está em oposição aos trabalhos de Deus." (Babayemi, 1984, p. 6)



CONCLUSÃO

Neste ensaio tentamos mostrar que a imposição das interpretações estrangeiras sobre *Olódùmarè* criou dilemas que não estão resolvidos e aparentemente insolúveis, gerando o ateísmo e o agnosticismo. Também argumentamos que isto deixou prejuízos sociais, morais, econômicos, políticos, e culturais.

Assim, existe aqui a implícita chamada para a reavaliação dos Ioruba e outras sociedades africanas, para um retorno cultural, mas não com a intenção de voltar para a "idade das trevas", mas construir uma sociedade humana, obediente à lei, e respeitável.

A discussão de alguns dos atributos de *Olódùmarè* serve somente para acentuar o fato de que o conceito do mal das tradições judaico cristãs, não existe na cultura ioruba legada pelos nossos ancestrais. Em resumo, não existe o diabo na religião Ioruba.
Os trabalhos pioneiros dos primeiros teólogos e pesquisadores africanos precisam ser tomados como "iniciais", e não como o ponto final de todas as pesquisa e investigações, para serem repetidos papagueadamente como as únicas verdades.



BIBLIOGRAFIA

ABIMBOLA, Wande - Ifa: An Exposition of Ifa Literary Corpus, Ibadan, Oxford University Press., 1976

AWOLALU, J. O. & DOPAMU, P. A. - West African Traditional Religion, Ibadan, Onibonoje Press, 1979.

BABAYEMI, S. O. - "African Concept of God, The Cosmos and Man: A Yoruba Example", in: Institute of African Studies Seminar Series, Ibadan, V. 8, Feb. 1986.

BEWAJI, J. A. I. - "African Beliefs" in: OYENEYE & SORENI (eds.) Nigerian Life and Culture, Ago-Iwoye, OSU, 1985.

________________"Human Knowledge and the Existence of God", in: MOMOH, C.S. & (eds), Nigerian Studies in Religious Tolerance, Vol. IV, Lagos, CBAAS/NARETO, John West, 1988.

DOPAMU, P. A. - Èṣù: The Invisible Foe of Man, Ijebu-Ode, Shebiotimo Press, 1986.

GATHERU, M. E. - Child of Two Worlds, London, 1964.

HALLEN B. & SODIPO, J. O. - Knowledge, Belief and Witchcraft, London, Etnographica, 1986.

IDOWU, E. Bolaji - African Traditional Religion, London, SCM Press, 1973.

________________ - Olódùmarè: God in Yoruba Belief, London, Lognmans, 1962

KATO, B.H. - Theological Pitfalls in Africa, Kenya, Evangel, 1975.

LIJADU, E. M. - Òrúnmìlà, Ijebu-Ode, 1908.

MBITI, J.S. - African Religion and Philosophy, ondon, Heinemann, 1969.

__________ - Concept of God in Africa, London, SPCK, 1970

ONUOHA, E. - "The Philosophy of Igbo Religion", in: MOMOH, C.S. & (eds), Nigerian Studies in Religious Tolerance, Vol. IV, Lagos, CBAAS/NARETO, John West, 1988.

P'BITEK, Okot - African Religions in Western Scholarship, Kenya, 1970.

PARRINDER, G. - African Traditional Religion, London, SPCK, 1969.

_______________ - West African Religion, London, Epworth Press, 1949.

SONTAG, F & BRYANT, M.D. - God: A Contemporary Discussion, New York, the Rose Charon Press, 1982

WESTERMANN, D. - African and Christianity, Oxford, University Press, 1937.



ADENDO DO TRADUTOR

Uma das fontes citadas por Bewaji, o livro *Èṣù: The Foe of Man*, do pastor evangélico P. A. Dọpamu, publicado em 1986, foi traduzido para o português por Iyakemi Ribeiro, professora doutora da Universidade de São Paulo, e publicado no ano de 1990, em São Paulo, pela Editora Oduduwa, do também ioruba Síkírù Sàlámì, professor de religião ioruba do Centro Cultural Oduduwa, também em São Paulo.

Este livro, a partir da edição em português, foi objeto de estudo e crítica por Luiz L. Marins, no capitulo "*Èṣù Ọ̀ta Òrìṣà*, um estudo de *oríkì*" no livro *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu*, organizado por Aulo Barretti Filho, professor de Religião Afro-brasileira da *Funaculty – Fundação de Apoio à Cultura e Tradição Yorùbá,* e publicado pela Edusp, em agosto de 2010.

O estudo mostrou, tal qual demonstra Bewaji, a manipulação pelos Ioruba evangélicos dos textos tradicionais do referido oriqui, na intenção de dar-lhe o sentido que queriam, isto é, de que *Èṣù* seria o inimigo a ser combatido.

Segundo o professor Aulo Barretti (comunicação pessoal), o sincretismo de *Èṣù* com o diabo iniciou-se quando houve a necessidade de traduzir a bíblia para o Ioruba. O dicionário do Reverendo T. J. Bowen, baseado no vocabulário inicial de também Reverendo Samuel Crowther, um ioruba capturado ainda jovem e que foi transformado em bispo evangélico, foram os marcos iniciais utilizados pelos invasores cristãos na intenção de introduzirem o conceito de demonização de *Èṣù* nas terras Ioruba.

Quanto ao conceito Ioruba de que *Olódùmaré* utiliza-se do bem e do mal para manter a ordem, a paz e a justiça, conforme mostrou Bewaji, deve ser analisado pelos afro-brasileiros com o olhar da tradição Ioruba.

O recurso do mal utilizado por *Olódùmarè*, é o recurso do mal corretivo, o mal punitivo, o mal justo e reparador, visando manter a ordem, a paz, a justiça, a tradição, o respeito às coisas divinas, aos anciões e aos governantes.

O mal pelo mal, o mal pelo pagamento, o mal pela feitiçaria, o mal absoluto pelo simples prazer de fazê-lo, são punidos na cultura ioruba tradicional até mesmo com a sentença de morte, conforme relatou Bewaji. Portanto, recomendamos bom senso no entendimento deste conceito filosófico da religião Ioruba.

LINKS RELACIONADOS:

Site Cultura Yoruba
http://culturayoruba.wordpress.com/dicionarios-de-yoruba/

Site do livro "Dos Yoruba ao Candomblé Kétu"
http://dosyorubaaocandombleketu.blogspot.com

Site do Professor Aulo Barretti
http://aulobarretti.wordpress.com

Site da Edusp
http://www.edusp.com.br/livro_dos_yoruba

A Umbanda da origem à atualidade.

Por

Alessandro Coi
e
Erick Wolff8

2012

Introdução

Este trabalho baseia-se na religião e cultura Umbanda, dedicado a Ancestralidade Brasileira e suas divindades.

A Umbanda não é representada por um conjunto de fetiches, seitas ou crenças originário de povos incultos. É uma das maiores correntes de pensamento humano, social e religioso, existe há mais de 10 décadas.

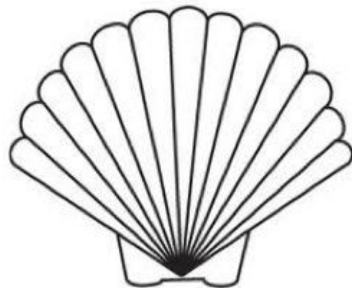
A Umbanda cria uma personalidade religiosa sob a influência da ancestralidade brasileira, distinguindo assim das nações afro-brasileiras, dando origem à primeira nação de Brasileira-afro. Isso acontece porque a Umbanda recebe alguns elementos da cultura Afro, sendo assim ela atua na religiosidade e tradição brasileira, possuindo, ritual, liturgia, divindades e a influencia da língua Portuguesa.

Observando que a Umbanda recebe uma alguns elementos culturais africanos, através da caracterização das divindades e entidades que são cultuadas no território brasileiro, no entanto a formação destas divindades é diferente na forma e origem dos orixás das nações africanas.

Acredita-se que a Umbanda é uma miscigenação de culturas e filosofias, oriundas no sangue negro, indígena, europeu e asiático, no entanto formatada e desenvolvida segundo a realidade brasileira.

Por outro lado, a fonte da legitimidade doutrinaria Umbandista não será depositada na herança dos ancestrais Africanos e sim um discurso científico, mais de acordo com o progresso da humanidade coexistindo na ancestralidade brasileira com noções de metafisica, física, química, astrologia e ocultismo.

Distanciando assim das supostas associações sensacionalistas criadas por escolas e escritores umbandistas contemporâneos.



A origem da Umbanda.

Alessandro Coi[31]

A origem divulgada e mais conhecida, seria que a Umbanda teria sido fundada através da mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas (médium – Zélio de Morais), na data 15 de novembro de 1908, na cidade do rio de Janeiro. Sendo que não há registro algum na Ata da Federação Espirita do dia 15 de novembro sobre o fato. Da mesma forma que Zélio foi o único que seguiu sua própria crença... Nem suas filhas seguiram a risca o culto criado por Zélio.

A principio a Umbanda nasceu com o nome de ALLABANDA, que posteriormente mudaram o nome para Umbanda, sem nem que houvesse alguma satisfação sobre tal renomeação!

31 Tata Alessandro Coi recebeu seu apronte em dezembro de 1999, Curitiba, pelo sacerdote Pai Nitinho do 7, filho de Pai Zito (angolano da cidade de Soyo). http://facebook.com/alessandrocoi

Segue um pequeno resumo sobre o surgimento da Umbanda:

Às 20 horas, manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Declarou que se iniciava, naquele momento, um novo Culto em que Espíritos dos velhos africanos, que haviam servido com escravos e que desencarnados não encontravam campo de ação nos remanescentes das seitas negras e os índios nativos da nossa terra, poderiam trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social. A prática da caridade no sentido do Amor Fraterno seria a característica principal desse Culto, que teria por base o Evangelho de Jesus e como Mestre Supremo o Cristo.

O Caboclo estabeleceu as normas em que processaria o Culto. Sessões – assim se chamariam os períodos de Trabalho Espiritual – diárias, dás 20 às 22 horas: os participantes estariam uniformizados de branco e o atendimento seria gratuito. Deu também um nome a esse movimento religioso que se iniciava, disse primeiro Allabanda, mas considerando que não soava bem a sua vibração substituiu-se por Aumbanda e mais tarde por Umbanda, palavra de origem Sânscrita. A casa de trabalhos espirituais que no momento se fundava recebeu o nome de Nossa Senhora da Piedade, porque assim com Maria acolhe o filho nos braços, também seriam acolhidos todos os que necessitassem de ajuda ou de conforto. Ditadas as bases do Culto, após responder em Latim e Alemão às perguntas dos sacerdotes ali presentes, o Caboclo das Sete Encruzilhadas passou à parte prática dos trabalhos, curando enfermos, fazendo andar aleijados. Antes do término da sessão manifestou-se um Preto-Velho, Pai Antônio, que vinha completar as curas. [A U M B A N D A, Márcia Serieiro]



A diversidade da Umbanda começa a demonstrar novos afluentes dentro da religião, da mesma forma que existem várias nações de orixás a Umbanda nascida no Brasil apresenta suas vertentes tão distintas que começam a forçar surgimento de novas tradições e enraizar-se dentro das religiões afro-brasileiras. Criando algumas vertentes dentro da própria Umbanda; Umbanda africanista, Umbanda Omoloko[32], Umbanda Angolista, Umbanda branca, Umbanda Nigeriana, entre outras (mesmo não confirmando no contexto do livro a fundamentação de algumas delas por falta de conteúdo, ou, por não ter acesso a sua origem e forma de trabalho, no entanto não devo me alongar no assunto).

Apesar da miscigenação cultural que influência as divindades cultuadas na Umbanda, elas são distintas das cultuadas na nação, assim também ocorre com as divindades cultuadas nas vertentes afro-brasileiras, como *Nkisi*[33] não é Orixá e vice-versa.

Observe que as divindades africanas seriam a fonte matriz, representadas pelos mensageiros que são cultuados na Umbanda, estes mensageiros são espíritos que através dos trabalhos espirituais da própria Umbanda alcançam a evolução. Esta evolução decorrente dos rituais praticados na Umbanda são a base dos trabalhos e conceitos espirituais, trabalhando para praticar a caridade alcançam a evolução.

---

32 *Omoloko* quer dizer *Omo* – filhos, *Oko* - campo, a origem do seu nome é *Yorùbá*. Apesar que esta ramificação da Umbanda cultua *Bakuros*, divindades de origem banto.
33 *Nkissi*, são divindades de origem Banto, muito comum encontra-las no Candomblé de Angola, os *Nkissi* já nascem divindades e estão ligadas a natureza.

O grande problema encontrado na Umbanda é a semelhança das divindades cultuadas com as divindades africanas, apesar da origem energética não serem as mesmas, ou seja, "Os Orixás cultuados na Umbanda não são os Orixás cultuados na Nação" apesar de toda possível semelhança, encontramos nomes e até mesmo em alguns casos possíveis formações de personalidade, como podemos notar o caso dos caboclos de Xangô que trabalham na energia da justiça tal como seria o próprio *Ṣàngó*. No entanto é sabido que os próprios adeptos da Umbanda afirmam ser impossível incorporar uma divindade africana, fato decorrente de não cultuarem diretamente as divindades africanas.

A formação religiosa da Umbanda

Sabe-se que antes da tal anunciação, Zélio já era atendido por uma médium chamada Dona Cândida, a qual incorporava um Nego-Véio chamado Pai Antônio.

Através da incorporação desta entidade teria ditado os parâmetros a serem seguidos, mencionando uma infinidade de linhas, como: caboclos, preto-velhos, crianças, baianos, boiadeiros, corrente médica do espaço, marinheiros, ciganos entre outras e que os médiuns deveriam estar vestidos de branco, no entanto foi explicito que as sessões deveriam ser "sem o som de tambores ou atabaques".

Este, após curar-se de uma paralisia considerada pelos médicos como irrecuperável, foi tomado por uma grande força espiritual, resolvendo a partir de então instituir o culto. O Caboclo das Sete Encruzilhadas, entidade que presidiu a primeira reunião, foi quem escolheu o nome Allabanda, que modificado posteriormente para Aumbanda, que em sânscrito significa "Deus ao nosso lado" ou "o lado de Deus". Foi somente tempos depois, provavelmente por um erro de grafia, que o nome passou a Umbanda.

Umbanda é uma religião brasileira com raízes africanas que sincretizados certos cultos africanos (especialmente *Bantu*, mas no sistema de culto, já que a nagotização trouxe os Orixás para o panteão de culto), algumas das práticas do espiritismo, da Igreja Católica, e religiões nativas americanas. Sua estrutura contempla transe ritualístico, posse como um meio de comunicação entre a vida material e espiritual. Em geral, o mito fundador - amplamente reproduzida na literatura sobre o assunto ciência social - considera a história do meio Zélio Fernandino de Moraes, que em 1908 no cidade de Niterói, Rio de Janeiro, disse que o espírito "Caboclo das Sete Encruzilhadas". No entanto, Diana Brown (1985, 1985b), que deu mais projeção para o médium Zélio de Moraes história, disse que esta data não representam, necessariamente, a base da religião, mas era parte do primeira manifestação espiritual "Caboclo Sete Encruzilhadas".

Esta perspectiva é semelhante ao do Barbosa (2008: 10), que argumenta que durante a Guerra da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai), 1864-1870, Umbanda e era conhecido entre os funcionários brasileiros. Para Barbosa, Umbanda ser uma corruptela de "*Nbandla*", gerado pela dificuldade de pronunciar a palavra. Veremos no decorrer do texto ser esse outro equívoco.

Aspectos históricos do surgimento da Umbanda

Há existência de um ancestral que representa a essência mutável e contemporânea brasileira, numa perpetuação dos cultos aos ancestrais, que é característica comum aos povos que formaram nosso país etnicamente. Os grupos étnicos que formaram as religiões afro-ameríndias-brasileiras, eram focos de resistência, cultural, social e religiosa principalmente. Neles os ancestrais dos povos que foram oprimidos eram cultuados, cada um na sua ancestralidade, o negro com seus nego velhos, *bàbá-eguns*,



e até nas suas divindades, a ancestralidade nativa do índio no caboclo, sobrando ainda o branco, colonizador e opressor dos citados. Mas ele na sua origem europeia e cristã não tinha esse culto, sua ancestralidade no máximo se resumia aos santos, que foram objeto de sincretismo e acabaram contribuindo, mesmo prejudicando mais talvez com o nascimento das religiões no Brasil, aquelas que nasceram aqui, pela diáspora dos negros que nos santos cultuavam seus *Jinkisi*, *Voduns* e Orixás secretamente, com seus *okutás*, fetiches e vultos incrustadas dentro dessas imagens, e seus rituais sendo realizados de maneira velada encobertos pelos mesmos ancestrais daqueles que os escravizavam e tentavam destruir suas culturas.

Dessa mescla, no início, ainda na tentativa de escravizar os nativos, os índios, verdadeiros donos da terra, começou a miscigenação e o nascimento de um novo povo, uma nova ancestralidade: A brasileira-Afro.

Ainda que os índios constituam a ancestralidade primeira dessa terra, essa ainda não era a Terra Brasilis, que se formou de vários povos nos dando a cara que temos hoje.

Querer atribuir apenas aos índios a ancestralidade nativa do Brasil vejo como erro, forma a base, mas não do Brasil, e sim desse território, mas se for assim, eles teriam vindo da África, berço da humanidade.

Assim, no começo da formação da Terra Brasilis se mesclaram os índios e os africanos de origem *Bantu*, os primeiros a chegar aqui como escravos, dado fato dos índios não se mostrarem uma boa mão de obra escrava.

Pelo contato nas atividades agrárias e pela similaridade religiosa e social, índios e negros *bantus* interagiram e com o passar do tempo mesclaram seu sangue e suas culturas.

Começa ai o culto *Bantu*-ameríndio, matriz que muito depois formaria a Umbanda, ainda que indiretamente. Prova está que o Candomblé Angola tem forte presença de caboclo, e são tratados como ancestrais nativos, mesmo não fazendo parte do culto do Candomblé. E se fazem presente especialmente nessa nação, em proporção muito maior que nas nações Ketu e *Djedje,* que derivam dos povos *nàgó* e *ewe-fons*, que chegaram depois dos *bantu*, já com a presença menos significativa de interação com o índio.

Isso se deve ao fato de que, quando o Candomblé chegou no Brasil, essa prática que nós conhecemos teve início com três senhoras: *Iya Detá, Iya Kala* e *Iya Naso*, que fundaram o primeiro Candomblé de que se tem conhecimento, a atual Casa Branca, que funcionava na Barroquinha.

No início do século XIX, provavelmente em 1830, essas mulheres fundaram, num terreno arrendado nos fundos da Igreja da Barroquinha, onde cultuavam Nossa Senhora, uma casa de candomblé que recebeu o nome de *Iyá Omi Àse Airá Intilé*. O candomblé da Barroquinha foi resultado da associação de elementos litúrgicos provenientes principalmente dos *nàgó* e dos *Djèdjè*, e serviu de modelo a todos os demais, inclusive aos das outras etnias.

Dai a nagotização, tanto do Candomblé Angola e *Djèdjè* quanto da Umbanda, todas as etnias adotaram o culto aos Orixás como padrão, até pelo fato de maioria dos escravos mandados ao serem de cultura *Yorùbá*.

Nesse ponto também as outras culturas africanas estavam perdendo identidade, pelo próprio tempo que já estavam afastadas de sua terra e de sua cultura, e pela maioria *nàgó* entre os negros escravos, o que forçava a naturalmente ocorrer uma adaptação cultural, linguística e religiosa, sendo mantido apenas pelos mais velhos que viviam em núcleos mais afastados de grandes concentrações de outras nações e os últimos a chegarem aqui, que por esses motivos, mantinham ainda sua cultura original preservada.

Nos anos (18)40 e (18)50 foi constante a referência, nas páginas dos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, de reuniões de pretos (nomes dos negros de então), com finalidade aparente de praticar a religião. Tais reuniões, quando descobertas ou denunciadas, eram dissolvidas a pata de cavalo ou a golpe de bastões policiais, sendo seus praticantes recolhidos presos, quando não logravam fugir.

A partir dos anos (18)50, é nítida a separação de semelhantes "pagodes", sempre destruídos, em duas famílias, o Candombe ou Candomblé e a Macumba ou *Imbanda*. Aparece, portanto, pela primeira vez (1853) a *Nbandla bantu* como ramo independente das religiões ou "cultos" afro-brasileiros.

Barbosa (2008: 10), que argumenta que durante a Guerra da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai), 1864-1870, Umbanda e era conhecido entre os funcionários brasileiros. Para Barbosa, Umbanda ser uma corruptela de "*Nbandla*", gerado pela dificuldade de pronunciar a palavra. Veremos no decorrer do texto ser esse outro equívoco.



Quanto ao nome de "pagodes", eram dados por deboche pelas autoridades policiais, em virtude do caráter enfeitado e complicado dos rituais e dos instrumentos de culto ali evidenciados. Os objetos eram recolhidos ou ali mesmos destruídos.

A *Nbandla* foi assim uma ideologia social de importância nas condições do século XIX, em função do grande número de componentes dos povos *Bantu*, que na realidade sociocultural de então conformavam as populações locais brasileiras. No que se refere às aproximações com outras religiões, a destruição massiva dos elementos de culto e dos rituais eliminou a possibilidade de uma reconstituição dos caminhos culturais percorridos.

No entorno da Guerra do Paraguai (1860-1880), a `*Nbandla* sofreu forte impacto do Kardecismo, recém-implantado no Brasil e muito forte então no corpo de oficiais do exército e da marinha. A `*Nbandla*, sendo já à época conhecida como Umbanda e como *Kimbanda*, pois dela surgiram duas vertentes, uma que aceitava a influência do kardecismo e da Igreja Católica, a Umbanda (inclusive por as reuniões ocorrerem muitas vezes em igrejas) e outra que renegava essa mistura, no Rio de Janeiro tinha mesmo acesso às igrejas católicas onde concentravam as tropas que eram enviadas para o "front" paraguaio. Era então nítida a associação das cores das nações africanas, na escolha dos santos católicos que deviam favorecer os iniciados ou adotados pela Umbanda.

Entre 1850 e 1913 a *Nbandla* que daria origem a Umbanda, a palavra bantu "`*Nbandla*" quer dizer em sua acepção principal "a congregação mais antiga". Esta associação ou congregação mais antiga certamente assumiu este nome público, em outro tipo de sociedade, para separar-se, ou não ser confundida com uma outra associação, esta sim, por certo, "mais nova". Nesse caso a Umbanda, mais nova por assumir aspectos distantes dos originais, influenciada ao contrário da *Kimbanda* pela assimilação de conceitos que trouxeram um embranque-cimento, que a *Kimbanda* rejeitou.

Pelos estudos feitos a Umbanda surgiu quando o elemento branco e o negro passaram a influenciar mais diretamente, e uma parte dos religiosos aceitou e outra não. O elemento branco veio dos comandantes militares que em grande numero eram kardecistas e pelo fato de eles se reunirem em igrejas. O elemento negro vem dos Lanceiros Negros, que eram escravos gaúchos que lutavam em troca de liberdade, e que não tinha entre si elementos de origem *bantu*.

Creio que toda religião é única, o que vejo na *Kimband*a como um traço muito forte, que pelas consequências disso acaba dando esse caráter diferenciado, é ela sempre ter sido um foco de resistência ativa, todas religiões que foram perseguidas foram focos de resistência, mas quase a totalidade foi de forma passiva, enquanto a Kimbanda sempre teve clara e aberta a política de não-aceitação e de reação a essa perseguição. Se alguma coisa a faz temida é a filosofia de não passividade que gera uma consequente reação por parte dela a qualquer tipo interferência externa, independente do da forma que essa reação vai se manifestar.

Os cânticos (ou "pontos") expressam assim uma parte congelada das relações religiosas inter-étnicas, que necessitariam para ser corretamente datados de – ao menos uma preservação de amostras da estatuária sagrada ao longo das gerações. Dessa, ainda

hoje – o pouco que resta se encontra nas mãos da polícia. Por isso, torna-se muito difícil chegar à definição dos lugares específicos das identidades religiosas (*dai o distanciamento dos *Jinkisi,* e consequente absorção dos Orixás no culto, mais conservado pela maior visibilidade de alguns terreiros com raízes *Yorùbás*), com uma teoria adequada do papel das identidades eventualmente duplas ou triplas, nas fases históricas precedentes (da época contemporânea). A multiplicidade de papéis a desempenhar que se gera naturalmente numa sociedade em urbanização devia requerer oportunidades também múltiplas de transformação religiosa nos contextos étnico-sociais de então(*Nagotização).

No culto *Bantu*, a tenda pode atender coletiva ou individualmente. Os dias de atendimento eram coletivos geralmente às segundas e às sextas, sendo os demais dias –todos ou parte deles – dedicados a atendimentos individuais e à "prática da caridade".



O atendimento coletivo substituía a antiga roda comum de delírio das aldeias *Bantu* na África (*Ku Yinga*). Ali podia-se entoar cânticos reelaborados para expressar a nova coletividade, evidentemente híbrida, de parentela e consanguinidade desconhecidas. Os antepassados eram invocados de acordo com uma nova terminologia mais abrangente, produzida pelos sacerdotes para cobrir um arco mais abstrato de relações com os fiéis. Nesse sentido, pode-se observar um deslocamento do outro mundo próximo para o outro mundo distante. A necessidade de generalizar as relações de parentesco para todos os *Bantu* e não-*Bantu* agora (então) desaldeiados levou à mitologia das Sete Linhas, cujas cores incorporam diferentes culturas e escolhas africanas. Constituiu-se assim nova hierarquia geopolítica da vida espiritual, para

corresponder aos movimentos populacionais devidos à guerra, ao recuo da escravidão e ao avanço urbanizador.

O fim da escravidão e a urbanização vêm com uma avalanche de mudanças no contexto geral da vida do povo brasileiro. Agora existiam de fato cidadãos e um país nessa terra. Era então formada uma nação de fato e de direito. Ainda engatinhando e cheia de mazelas, mas com uma identidade própria, sem mais viver a sobra dos colonizadores, seja no âmbito político para o branco, ou no âmbito de liberdade em relação ao negro e o índio.

> Pelas características específicas da religiosidade Bantu, o mundo é um encontro cruzado de dois ou quatro submundos. Ou melhor, são quatro os mundos, interligados, à maneira das quatro esferas de luz de Swedenborg: (1) "este mundo"; (2) o "outro mundo próximo"; (3) o "outro mundo distante"; e (4) o "outro mundo do nada". As relações das pessoas comuns e de suas famílias se dão com seus antepassados antecedentes ou muito próximos (pais, avôs, etc) e (b) com os antepassados de seus antepassados (avos dos avôs, avôs dos avôs dos avôs, etc). A maioria de nossas desavenças se encontra assim nas relações dos dois mundos, ou seja, (1) este mundo; e (2) o outro mundo próximo. É claro que podem se dar relações mais profundas e mais complicadas, com soluções até fora de alcance. No entanto, a maioria das relações entre-mundos compreende esses dois mundos iniciais. (Da `Nbandla à Umbanda: Transformações na Cultura Afro-Brasileira- Wilson do Nascimento Barbosa com adapções e acréscimosreferentes ao tema pelo autor desse texto)

Isso, aliado a essa identidade que se forma na nação e que já tem uma ascendência brasileira de varias gerações (a essa altura os habitantes do Brasil tinham sua ancestralidade conhecida, de forma pessoal ou oral, toda brasileira, por estarem a gerações aqui.

Está formada assim a ancestralidade brasileira, não da terra no sentido geográfico, mas do povo, da nação que passa a existir e precisa descobrir e assumir sua identidade.

Em toda região banta, de Angola e parte do sul do *Zaire*, acredita-se que *KALUNGA-NGOMBE* é o Senhor da Morte. Está presente na *Kimbanda* brasileira com as mesmas funções e culto como fazem os Quimbandeiros africanos há muito tempo.

Atualmente na África, o culto a *Kalunga* pelos Quimbandas se denomina *Quimbanguismo* ou *Quimbandismo*. Na realidade a *Quimbanda* brasileira surgiu da *Kimbanda* africana que é um culto primitivo, ancestral. Todos os *Ngangas* e *Kimbandas* africanos realizam rituais de sacrifícios de animais, entre eles: búfalos, bodes, galos, gatos e galinhas.

É fácil notar que a Umbanda tem a mesma base, acreditam nos *Makungo*, no *Kungo* de cuja palavra se originou a palavra *CONGO* que cognominou os "PRETOS VELHOS". Daí em diante os pretos velhos (fantasmas familiares ou *Makungo*), foram chamados de "avô", "avó", "tio", "pai", etc. e logo perderam sua individualidade para fundir-se a um grupo que não tem nomes próprios e de uma maneira geral são chamados de "arranca toco", "ogum", "xangô" dependendo da linha prevista na organização umbandista.



Os *Ngangas* (chefes feiticeiros) são manifestados por deuses e espíritos de ancestrais poderosos e através destes, interpretam oráculos, curam, bebem, fumam e desta maneira, voltam momentaneamente à vida. Eles são os doutores de seu povo e segundo os dialetos são chamados: *SINGÁNGA, NGANGA ou MGANGA; INYANGA; WANGA*.



A famosa "gargalhada" que dão os Exus de *Kimbanda*, dentro da cultura banta eles se expressam com um longo grito durante as cerimônias ritualísticas.

Os pontos riscados com pemba e o uso de pólvora nos rituais, é de origem *bantu*, assim como também a utilização de álcool, querosene, bebidas destiladas; perfumes; todos esses elementos familiares para os *bantus*, foram trazidos pelos árabes para a África.

Aqui no Brasil o que era uma derivação cultural de magnitude, que transcendia fronteiras, se reduziu a um sistema (um mecanismo, como você diz), se transformou numa religião (ou culto de magia) praticada largamente em todo o território; inclusive sendo vinculada a outras religiões (como a Umbanda, por exemplo), que a colocou aos pés de uma cultura unilateral, vazia e manca.

Sabe o que isto significa? Isso não é aquilo, nem vice-versa. O seu texto sobre a diversidade cultural e miscigenação é uma prova. Estamos sob outro estandarte; além da ancestralidade. Nossa sociedade tem outro modo de encarar a vida, e, por conseguinte, a espiritualidade. O quimbandeiro daqui não possui "consciência ancestral" como o africano. Somos outra raça, outra estirpe, com outros valores.

Embora não seja amplamente aceita, sugere problematizar o uso de designação de "religião afro-brasileira." O prefixo "afro" é muitas vezes manipuladas no religioso para evocar a "pureza" dessas práticas africanas. Como resultado, há uma disputa entre diferentes religiões visíveis com vista a estabelecer uma "posição social" (Capone, 2004: 28-29 e 139-140).

Assim, dentro de todas as religiões estavam presentes, os elementos " africano " denotar aqueles que melhor conseguem manter a sua essência, enquanto práticas de adoração são frequentemente negociados e forças históricas e social, adaptados aos contextos em que eles pretendem resolver (Goldman, 1984: 108; Capone, 2004: 18).

Através de uma linguagem mágica Umbanda e outras religiões brasileiras caber as raízes individuais Africano em um contexto mais amplo, onde a melhoria ou declínio em seu estado de saúde e sua doença, muitas vezes passam por sua relação com o "sagrado" e também por suas ações em relação aos outros questão o ao redor.

Através de uma "semiologia espiritual", que abriga os códigos éticos mais vários aspectos da sua vida, um meio ou um pai-de-santo pode indicar que são as forças que interferem com o corpo e da vida diária de cada um, e eventualmente, formar a base da sua "aflição" (Seligman, 2005).

É comumente aceite na comunidade acadêmica brasileira a ideia de que Entidades de Umbanda que representam personagens da história colonial do país, e "identidade" de cada um é cheio de significados, que dão aos indivíduos a acesso à verdade / conceitos universais.

Assim, o preto-velho representa o negro escravo que atingir uma idade avançada - ao contrário da baixa expectativa de vida dos escravos no Brasil colonial -, a fim de reunir uma grande experiência de vida. Ele é o patriarca "da raça, cuja sabedoria parece ser do peso conferida por idade: um que tem de ser escutado e cujos conselhos devem ser seguidos", sendo marcado por uma "Tolerância..., a simplicidade rústica e um profundo senso de amor [Barros, 2010: 21. Tradução livre.]

Os boiadeiros representam os trabalhadores rurais, vaqueiros, os capatazes, o sertanejo e sabedoria", a mistura de "raças", uma aldeia mestiços, com seus costumes, superstições, crenças e fé". [Este termo representa uma identidade conceitual relacionado ao período colonial brasileiro e hoje é usado como sinônimo de camponês]



As sereias (sirens), o mistério - se espalhou através de histórias e lendas de regiões portuárias, os Ciganos (ciganos), o povo vagando sem rumo, sem caminho certo, o caboclos, representando os índios depois da chegada de Europeus, a mistura racial, e também alguns desses líderes civilizações que estavam lá antes que os colonos, e assim poderia continuar enumerando as representações de outros personagens... [Ver Bom (1994). Periferia, Número 14, junho 2011, www.periferia.name, i formació revista recerca em antropologia]

Estou enfatizando é que, em primeiro lugar, o simbolismo da relação entre humano e o sagrado - aqui reforçado pelo conhecimento inerente às entidades espirituais, não só da Umbanda, mas também de muitas outras religiões Raízes africanas - servido historicamente como uma estrutura de identidade e resistência gestão alternativa de problemas diários, que revelou a relação e colonial "processo civilizador". Além disso, no presente, este muito simbolismo atravessa o Atlântico para enfrentar o "Ocidente" e dizer que talvez o valores que moldam sua visão de mundo não são suficientes para colocar o individual

em harmonia com o seu espaço, em termos de suas relações, e além disso, com respeito a uma posição igual independentemente sociopolítica de "cultura" de um indivíduo, sua origem e muitos outros elementos que configurado em termos de identidade. [Cf., entre outros: Bom (1977), Taussig (1980), Young (1982); Verani e Morgado (1991)]

Da mesma forma, mostra como os processos de cura são absorvidos para a vida diariamente para novos membros. Umbanda é coletivo. Olhando para o social, politicamente, culturalmente e economicamente elementos que são então convertidos para o ritual lógica. Simultaneamente, a partir deles, promove (re) significações de comportamento interpessoal, então indiretamente associada obrigações rituais individuais, sistematizadas por um vínculo coletivo da humanidade com sagrado.

Os resultados deste processo são evidenciados pela melhoria ou o declínio da saúde de um indivíduo, pela satisfação das entidades espiritual sobre o seu comportamento, este estado pode ser lido sob o corpo como uma perspectiva do sistema de biopsicossocial, ao invés de expressão de processos de internalização do social, psicológico e cultural passado para funcionar em conjunto com processos psicológicos biológicos. [Para mais informações, consulte: Bom (1977, 1994); Verani e Morgado (1991), Seligman (2005) entre outros]

Este curso enfatiza o foco na interiorização do desenvolvimento sócio-político dentro do culto de Umbanda em si. É possível ler a Umbanda como agente político-simbólico contra os problemas sociais. Mas este "simbólico" torna-se algo concreto, uma vez que você gerar uma mudança na interpretação da realidade política. Não necessariamente uma politização mas secundário é dado na difusão da ética religiosa dos seguidores de alguém, projetada na vida cotidiana e redes sociais.

O espaço ritual é aqui a inversão simbólica de grupos excluídos das esferas sociais de poder econômico e político, e que despertam para uma espiritualidade [também politizou] sobre o indivíduo aflição.

Em termos epistemológicos, a interiorização do simbólico das estruturas concepções sócio-políticas de saúde e doença não influencia apenas o desempenho ritual em manter os estados do corpo e do espírito. A própria ideia de que a propagação da Umbanda deve sólido e promover a (re) equilíbrio social em movimento transnacional (em antigas potências Colonial, por exemplo) dá uma identidade de resistência de acordo com os eventos atuais. Ao trazer este formato, as suas propostas são inseridos no reconhecidamente paradigmas são discutidas nos círculos acadêmicos hoje.

Pretos-velhos, caboclos, índios e transcender seus papéis históricos ciganas e processos de incorporação das relações de poder coloniais. Assim, para indicar passar um novo significado simbólicos rituais voltados para suas aplicações contemporâneos problemas sócio-políticos voltados para o tendem a ser globalizado: o acesso à saúde, a distribuição de renda e poder econômico; relações sociais relacionados ao sexo e poder, assim como muitos outros variantes que compõem a diversidade de necessidades e de identidade local e A Umbanda é uma religião resultante do sincretismo afro-católico-manutenção geral do cotidiano.



Bibliografia

SERIEIRO, Márcia – A Umbanda,
http://meuartigo.brasilescola.com/religiao/umbanda.htm

Baganha, Maria Ioannis et al. (s/f) O Sector da Saúde em Portugal: funcionamento do sistema e caracterização sócio-profissional. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/182/182.pdf

Barbosa, Wilson do Nascimento (2008) "Da 'Nbandla à Umbanda: Transformações na Cultura Afro-brasileira." Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, n.º 1, junio.

Barros, Sulivan Charles (2010) "Sociabilidades Míticas na Umbanda: identidad étnica e consciência subalterna." Série Antropológica 433. Universidade de Brasília. Departamento de Antropologia.

Bastos, Cristiana (2001) "Omulu em Lisboa: Etnografias para uma Teoria da Globalização". Etnográfica, Vol. V (2), pp. 303-324.

Brown, Diana. (1985) Uma história da Umbanda no Rio. Umbanda e Política. Rio de Janeiro: Inst. de Estudos da Religião - ISER, caderno nº 18, pp. 9-42.

(1985b) "Mito de Origem" da Umbanda – Umbanda e Política. Rio de Janeiro: Marco Zero.

Capone, Stefania (2004) A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Pallas.

Crapanzano, V. (1985) Tuhami: Portrait of a Marocain. Chicago and London:

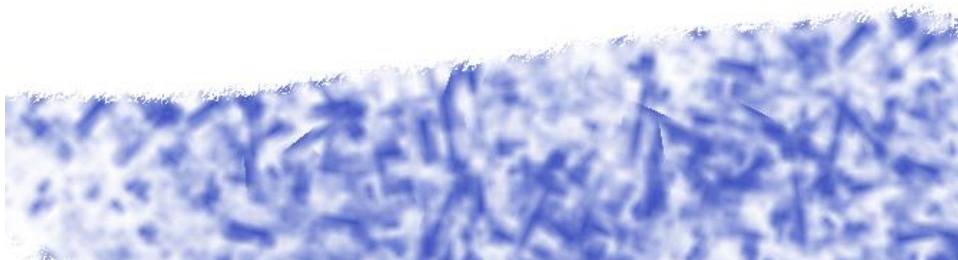
perifèria
Número 14, junio 2011
www.periferia.name
revista de recerca i formació en antropologia

32
University of Chicago Press.
Espírito Santo, Moisés (do) (1990) A Religião Popular Portuguesa. Lisboa: Assírio & Alvim.
Evans-Pritchard, Edward E. (2005) Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar.
Geertz, Clifford (1980) "Géneros confusos. La refiguración del pensamiento social." American Scholar, vol. 49, N° 2, pp. 165-179.
Giacomini, Sonia Maria (2010) Gênero, Religião e Poder: a experiência de liderança as sacerdotisas da umbanda e do candomblé num projeto de pesquisa. Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. (Comunicación). En: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291629_ARQUIVO_Giacomini,SoniaMariaGenero,religiaoepoder28-06-FG9-finalb.pdf
Góis, Pedro et al. (2009) "Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal". Padilla, Beatriz e Xavier, Maria (coord.), Revista Migrações - Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina, Outubro 2009, n.º 5. Lisboa: ACIDI, pp. 111-133.
Goldman, Márcio (1984) A possessão e a construção ritual da pessoa no candomblé. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Good, B. J. (1977) "The Heart of what's the matter: the semantics of illness in Iran". Cul. Med. Psychiatry 1, pp. 25-58.
(1994) Medicine, Rationality and Experience: An Anthropological Perspective. Nova Iorque: Cambridge University Press.
Kardec, Allan. [1857] (2008) O Livro dos Espíritos. São Paulo: Ed. Petit.
Leistner, Rodrigo Marques (2009) "Da discriminação social à articulação política: as religiões afrogaúchas como ação coletiva". Revista Ágora. Vitória, nº10, pp.1-22.

Lock, Margaret y Nguyen, Vinnh-Kim (2010) Anthropology of Biomedicine. Oxford: Wiley-Blackwell.
perifèria
Número 14, junio 2011
www.periferia.name
revista de recerca i formació en antropologia
33
Maggie, Yvonne (2001) Guerra de orixá: um estudo de ritual e conflito. São Paulo: Ed. Jorge Zahar.
Meneses, Maria Paula G. (2004) "«Quando não há problemas, estamos de boa saúde, sem azar nem nada»: para uma concepção emancipatória da saúde e das medicinas." En Santos, Boaventura de Sousa e Silva, Teresa Cruz (e) (org.) Moçambique e a Reinvenção da Emancipação Social. Maputo: Ed. Centro de Formação Jurídica e Judiciária.
Obeyesekere, G. [1992] (1997) The Apotheosis of Captain Cook. Princeton: Princeton University Press.
Pais, José Machado (1994) Sousa Martins e Suas Memórias Sociais: Sociologia de Uma Crença Popular. Lisboa: Gradiva.
Pinheiro, Robson (2003) Sabedoria de Preto Velho. São Paulo: Casa Dos Espíritos.
(2006) Tambores de Angola. : São Paulo: Casa Dos Espíritos.
Pordeus, Ismael Jr. (2009) Portugal em Transe – Transnacionalização das religiões afro-brasileiras: conversão e performances. Lisboa: Ed. ICS.
Rabelo, M. et al (1998) Comparando experiências de aflição e tratamento no candomblé, pentecostalismo e espiritismo. Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 27-31, Out.
Sahlins, Marshall. [1987] (1990) Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
Santos, Boaventura de Sousa (2007) "Para Além do Pensamento Abissal: Das

linhas globais a uma ecologia de saberes". Novos Estudos, nº 79. CEBRAP. pp. 71-94.
Santos, Boaventura de Sousa et al. (2004), "Introdução: para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo". En Santos, Boaventura de Sousa (org.), Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Porto: Edições Afrontamento, pp. 19-101.
Seligman, Rebecca (2005) "From Affliction to Affirmation: Narrative Transformation and the Therapeutics of Candomblé Mediumship". Transcult Psychiatry, 42.
perifèria
Número 14, junio 2011
www.periferia.name
revista de recerca i formació en antropologia

Da `Nbandla à Umbanda: Transformações na Cultura Afro-Brasileira - Wilson do Nascimento Barbosa



A Umbanda na atualidade

Por Erick Wolff8

A Umbanda é o resultado de um duplo movimento

De um lado ela é transmitida pela razão através dos rituais e tradições que são ensinados pelos sacerdotes e seus membros mais velhos.

Por outro lado à cultura, informação e sua tradição é passada pelos mentores de cada casa, uma entidade se encarrega de transmitir os rituais e fundamentos que perpetua a forma de trabalhar dentro de cada casa.

Por isso é muito comum dizer que a Umbanda é uma religião viva, baseado no conceito que cada casa possui um fundamento e um mentor que trabalha seguindo uma doutrina e rituais diferentes. Sendo impossível codificar uma religião com estes parâmetros.

Podemos observar que até mesmo dentro de uma sessão ritualística, nunca uma é igual à outra, por isso por mais que tentem repetir tais rituais, os eventos no decorrer dos trabalhos serão sempre diferentes, com fatores e consequências que não será possível repetir.

O principio das leis que influenciam a Umbanda

Atração e Equilíbrio

Pela observação e pelo raciocínio nós encontramos o infinito numa molécula, na matéria, no espaço, no movimento, nos astros, que povoam a abóboda celeste e nas tantas outras coisas para as quais voltamos nossa atenção e nossos olhos.

A análise mais simples nos leva a acreditar que tudo no universo constitui uma única vida, animada por uma única potência que é eterna e infinita, para ela não existe tempo, espaço ou medida. Simplesmente habita o universo e sua consciência, pois ele é o próprio universo (criador e criatura).

A potência é o espírito supremo, o grande arquiteto de toda criação, sobre a qual ninguém tem poder e a quem todos devemos respeito. É tão grande e tão imenso que não há um só átomo em toda a criação para o qual não chegue o seu misterioso fluido. A tudo verifica com a essência divina do seu Ser, e, ainda que a matéria possa morrer aparentemente, mesmo assim serve para desenvolver novas vidas e produzir novos seres. E mesmo com a morte não deixa de existir, tendo continuidade em essência e energia, continua fazendo parte deste universo a partir de uma vibração energética diferente.



Do Espírito Supremo derivam todos os demais espíritos, uma vez que eles são, em realidade, partes de um todo. Por isso a ciência mágica que demonstra serem os espíritos divididos em várias classes, sendo que todas, à medida do aperfeiçoamento e uma vez cumprida à missão que o Supremo Criador lhes determinou, voltam a identificar-se com Ele (Supremo Criador). Estes espíritos voltam para o seu criador, nada se perde ou simplesmente desaparece, apenas se transforma.

Nem mesmo os espíritos que sofrem uma interrupção trágica na sua jornada enquanto estiver encarnado, se perderá até mesmo ele deverá retornar a energia geradora.

É regra geral em todas as religiões, admitir como verdade fixa a existência do espírito do bem e do mal, fazendo-os antagônicos entre si. Porem, para a ciência sagrada, esse antagonismo se transforma em necessidade, uma vez que o bem e o mal significam o conhecimento de todas as coisas. Mesmo sabendo que o mal é relativo da mesma forma que o bem poderá ser relativo dependendo do ângulo que olhar para o prisma, causando equilíbrio ou desequilíbrio energético a quem manipular.

Os espíritos individualmente podem se envolver com energias negativas ou positivas, porem todos têm sua missão em obediência às leis que tiveram em sua criação. Desta forma não devemos classificá-los como bons ou maus, teremos que identificar sua essência divina e a sua real função, aí sim haverá uma conclusão definitiva, não existem espíritos bons ou maus, mas sim espíritos numa energia desqualificada classificados como maus.



O primeiro de todos os seres espirituais é Deus, o começo (corresponde a Olorum na Umbanda ou Olodumaré entre os Nagô); também chamado de O principio, o qual recebe diretamente da Potência Suprema as ordens que devem ser transmitidas aos demais. Ao seu imediato serviço existem outro com idêntico poder, – energia positiva, boa (Obatalá), este tem a missão de fazer cumprir as demais ordens de Olorum.

Lei de Causa e efeito

Tudo que fazemos aqui ou no espiritual, devemos pagar no mesmo plano existente, encare de uma forma muito simples - se fizer o mal suas mãos ficarão incrustadas com as energias da maldade, quando necessitar das energias puras vibrando em suas mãos para um trabalho de saúde e prosperidade, apenas encontrará aquela energia negativa, estagnada em suas mãos. Este é o pior momento da nossa espiritualidade não ter boas energias para movimentar e ajudar as pessoas que nos procuram.

A energia negativa nas mãos do médium contaminará do seu corpo espiritual, e causará sérios danos. Evite ao máximo praticar a magia negativa, evite frequentar ambientes com energias negativas e por final mantenha sua mente limpa evitando programas de Tv, Rádio, revistas e Jornal que contenha acidentes, mensagens negativas ou notícias sobre morte desastras ou caos. Porem não há nada que o impeça de ver TV, rádio, jornal ou revistas, estude e aprenda o máximo que puder.



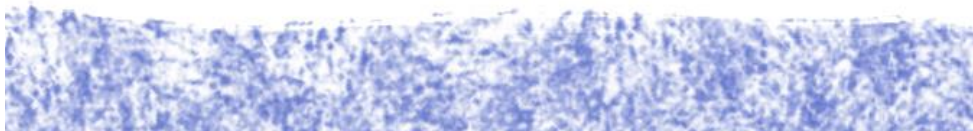
Lei da reencarnação

O principio básico que rege o processo de reencarnar, está contido no mais simples mecanismo criado por Olorun, para movimentar as almas e as lapidar.

Existem duas manifestações dentro de Olorum. Aquele que tudo representa, separado por uma faixa mesclada de um e de outro igualmente: o mundo material e o mundo espiritual, separados pela dimensão dos seres viventes.

Nesta faixa onde vivemos, as leis espirituais e materiais se misturam harmonicamente para dar condições de vida ao processo encarnatório, mas prevalece, para efeito de direito de condução do Modus Operandi vivente, a lei do livre arbítrio, que é uma dádiva do espírito.

Através do poder desta lei, que há direito de liberdade ao ser vivente, o homem conduz a sua própria existência, a direção e o sentido que ela deseja dar, sem, entretanto poder controlar o poder de viver. Desta forma, viver passou a ser um compromisso entre os valores do espírito (alma, inteligência, criado à semelhança de Olorum, e da matéria caótica, reflexo do equilíbrio de Olorum). A encarnação não é simplesmente um processo de punição como aparenta à primeira vista o trecho sagrado do Gênesis, mas uma espécie de caminho corretivo onde o espírito tem que colher os frutos que plantar, de acordo com suas obras.



Durante o tempo que um ser vivente está encarnado vai acumulando débitos, simbolicamente falando, por isso temos que eliminar com uma devida conduta. Claro que temos a liberdade de seguir nossos instintos e colher o que plantamos, resta ter discernimento de escolher o melhor caminho, aquele o resultado final nos leve ao criador "Olorum".

O Planeta evoluiu, muito antes do surgimento da humanidade, Olorum criou as almas e as fez singular, em cada uma com personalidades bem distintas. Atualmente é muito difícil encontrar almas novas, todas são tão velhas quanto à história do nosso planeta ou se for mais longe quem sabe do universo. A nossa concepção de reencarnação e espíritos estão fechados no tempo que vivemos, algumas vezes presenciamos trabalhos com entidades muito antigas, desta forma recordamos que existe um passado muito distante dentro da nossa história, mesmo que uma alma passe várias vezes por reencarnações ela acrescentará conhecimento e sabedoria, podendo ou não aproveitar um determinado ciclo de suas reencarnações para suas manifestações. Mas esta alma possui limites, ao reencarnar seguira as regras do universo, e deverá ensinar novamente o seu corpo como falar, andar e pensar "Evoluir".

Qualquer ser humano poderá ter contato com a sabedoria universal ou com a sabedoria da sua personalidade alma. Mesmo na cultura ocidental atual que castra e reprimi as faculdades sensoriais do nosso corpo, e o que teríamos de direito como herança são esquecidos por anos até o momento que o indivíduo passa pela transição e a alma volta a comungar com o criador, desperta esta memoria adormecida.

O ser humano tem o dom de comungar com o universo basta ele entrar em harmonia com as leis cósmicas e atingira a consciência do próprio criador, durante as iniciações ou rituais rompemos as barreiras impostas pela sociedade e da grande engrenagem

materialista, criando um ambiente e condições favoráveis para tocarmos as mãos dos mensageiros e grande iniciados, comungando com suas mentes e recebendo pequenos flash de sabedoria. São os fundamentos e ensinamentos que vivenciamos e aprendemos durante os rituais e iniciações.

Reencarnação

O ser vivente nasce com o reflexo do passado, com a capacidade de suportar os afazeres de uma vida longa e prospera, no entanto o que faz com que ele se afaste do sucesso?

Reencarnação tem como doutrina básica os seguintes aspectos:

1 – O ser encarnado é uma única força de vida e inteligência, capaz de alcançar os mais altos níveis da consciência através dos seus próprios esforços.

2 – O que ele livremente semear será fatalmente colhido mais tarde.

3 – O indivíduo nasce e desenvolve o poder de saber distinguir entre o bem e o mal, onde existem ações positivas e negativas, que todos estes acontecimentos, positivos ou negativos da vida, são consequências diretas do livre arbítrio que ele possui, de seguir o caminho de seguir ou contrariar a lei.

4 – Não basta ser virtuoso deixando de praticar o mal; é preciso que haja a prática constante do bem e das virtudes cumprindo as leis do universo, mesmo ele não tendo consciência desta lei, este indivíduos estará voluntariamente executando esta lei.

5 – A evolução é constante e só termina na Potência (Olorum) de volta ao berço do criador.

6 – Quem deve paga, quem merece recebe, seja com energias positivas ou negativas.

7 – O que não fizer num tempo determinado, fatalmente terá que fazer em outro tempo mais curto, e, portanto mais difícil, o tributo de sua redenção, para o universo existe no eterno movimento que traduz; mesmo que o indivíduo não acompanhe os outros ele não estará estacionado, ele continua seu curso evolutivo, porem com uma velocidade reduzida, claro ficando para traz, mas há o estado de regressão, (não podemos tirar a sabedoria de quem adquiriu).

Lei do retorno

Muito comentada entre os médiuns Umbandistas, porem não é a principal lei regente entre a tradição da Umbanda, visando que cada médium possui um guardião e vários protetores, qualquer médium estará protegido contra energias negativas e vibrações que poderiam interferir no seu bem estar.

Perceba o trabalho destes guardiões, é estarem ligados dia e noite para evitar que danos vibratórios aconteçam com o templo e seu médium (demandas, feitiços e energias negativas).

Desta forma a lei de retorno não se aplica corretamente dentro da maior parte das mencionadas "leis de retorno".

Para que a lei do retorno possa atuar no médium, ele terá que estar sob a primeira lei – causa e efeito – fez o mal e estará receptivo para energias negativas. O indivíduo estará desiquilibrado, com deficiência energética e sua guarda impregnada de energias negativas, desta forma a 2 º lei entra com força total atuando neste indivíduo desprovido de segurança e proteção energética, ele poderá provar o seu próprio veneno, mas somente se estiver sobre efeito da 1º lei.

Bem e o mal

O conceito do bem e do mal é relativo a partir do momento que o bem de um consulente não interfira na vida de outro. Por isso devemos policiar o trabalho das entidades no terreiro, para que não seja pedido algo dúbio. É muito importante o trabalho do cambono (médium assistente do médium de passe) desta forma tais pedidos mesmo que aparentemente inocentes serão evitados, prevenindo possíveis erros, tipo – pedidos de amantes, pedidos de promoção a qualquer custo, entre outros.

Liberdade de ir e vir

Somos livres para ir e vir, mas nem por isso temos o direito de incomodar ou perturbar a vida de alguém.

1 - Nós somos responsáveis pela nossa vida e não devemos entregar a outro.

2 - Nós somos responsáveis pelo nosso destino e devemos zelar do seu desenvolvimento claro e correto.

A concepção humana segundo o conceito Umbandista

O ser humano segundo o conceito Umbandista

A Umbanda estuda o ser humano e sua constituição:

- física (corpo) ou material
- mental
- emocional
- espiritual

Para entender os conceitos que envolvem o universo material, mental, emocional e espiritual faremos um pequeno estudo sobre o conceito Umbandista.

A concepção

O amor do casal inicia uma magia dentro da mulher, do seu amor gera o fruto. No momento da fecundação a maior das magias se torna realidade, e brindamos o universo com um toque de semideuses, criamos outro ser humano com dádivas e dons, representante da nossa ancestralidade e do próprio criador.

No momento da fecundação uma folha caindo, uma chuva no telhado, um trovão, um vento passando fará com que um elemento da natureza presencie este ato de criação e consagre a natureza divina de Deus dentro do útero feminino. Sem culpa do pecado somos abençoados com uma vida, esta vida ainda será gerada e receberam nossos genes e heranças culturais, enquanto a vida está se formando no útero o Orixá deste pequeno ser se manifesta pela primeira vez e vai buscar uma entidade[34]. Para ser o mensageiro, guia desta criança que está prestes a nascer, esta entidade será encarregada de selecionar as demais entidades do médium conforme os fundamentos do Orixá deste novo ser, pois este caboclo é a representação e parte integrante do Orixá daquele filho. Tudo estará ligado como órgão que fazem com que o corpo humano funcione será assim com as entidades do médium, ou melhor, falando ser humano, sem que ele venha a desenvolver ou não a mediunidade, ele é um médium como todos os seres viventes que habitam o planeta. Cada um com uma forma de manifestar sua mediunidade, independente de pertencer a uma religião espiritualista ou não.

Fica assim apresentada à concepção e formação espiritual do ser vivo, conforme os fundamentos da Umbanda no Ilê Axé Nagô Kobí.

A gestação

A mulher pode frequentar uma gira, porem deve-se pensar que tudo é energia e vibrações, por isso, seria importante poupar a médium que está gerando uma nova vida de trabalhar durante a gravidez.

---

[34] Fundamento do caboclo *Idaiano* sete flechas de Oxosse, entidade orientador do sacerdote Erick de *Òòṣààlá*.

Riscos de gravidez não haverá a menos que ao desincorporar aquele médium se agite demais, por isso, é melhor ter o bom senso de ficar de resguardo já no inicio da gravidez.

O caráter e a personalidade.

O caráter do médium

O caráter está presente em qualquer indivíduo mesmo antes de nascer, porem seria no ato do nascimento, que a alma toma posse do corpo e assume a sua função. Até então a alma do novo ser fica acompanhando a mãe, e participa do dia-a-dia da mãe que gera o bebe, sensações e ações de carinho e amor passam energias e informações diariamente.

Segundo os fundamentos do Ilê Axé Nagô Kobí, acredita-se que a alma assumirá o corpo no primeiro instante em que a criança respira, sendo sopro da vida que o bebê inspira pela primeira vez. No entanto isso não justifica o "não existir vida" daquele ser que cresce e se desenvolve no ventre materno. Acreditamos que se houver um aborto rompe-se todos os elos e causa um desequilíbrio entre os Orixás, alma e guias daquele frágil ser. Desta forma não somos a favor do aborto, mas também não podemos ignorar que existe casos necessários que a medicina tem o poder de julgar pertinente ou não, e assim cabe a justiça brasileira permitir[35].

[35] Ressaltando que a lei brasileira, apenas admite o aborto em duas circunstâncias a primeira quando a vida do feto possa comprometer a vida da mãe e quando a gravidez é derivada de um estupro.

Seremos advogados para defender a não prática do aborto, mas que vença a verdade e a razão, deixando assim para os médicos, juízes e Orixás darem a sentença final, afinal aquele ser possa ter o destino de não nascer. E acataremos.

A personalidade alma

A "personalidade alma" está presente no ser humano, podemos nota-la nos pequenos bebes, nas crianças e no homem, é possível criar filhos à moldando a imagem e nos personificando neles, mas não podemos fazê-los assumir nossas vidas, afinal eles possuem um fator que difere de cada ser humano a sua "Personalidade". Sabe-se que existe a "personalidade alma". Um bom experimento é observar crianças muito pequenas brincando e o seu dia-a-dia, na maior dos casos quando nem sabem o que é uma profissão, ou quem são, refletem resquícios da sua personalidade, que já impõem reflexos do que serão quando crescerem. Será coincidência ou não?



Estudando o comportamento de algumas crianças percebe-se claramente que elas brincam inocentemente de gente grande e mais tarde se tornam justamente aquilo que tão cedo brincavam. Quem não se recorda da sua infância?

Tente se lembrar do que brincava e veja se hoje não é aquilo que você pensava ser?

Desta forma acredita-se que a alma é dotada de personalidade e mesmo quando os elementos externos agem com forças brutais fazendo com que fique para traz as informações de vidas passadas e ou elementos que reflitam claramente a sua personalidade quando criança, deixando que ela se desenvolva muito mais à frente, acredita-se que pode ocorrer o esquecimento devido ao trauma da reencarnação e reinicio da nova vida, o indivíduo pode esquecer, porem, não perde a sua personalidade.

Sexualidade

Em muitas religiões a descriminação com a homossexualidade, bissexualidade e a prostituição, felizmente somos dotados de inteligência para perceber que o homossexualismo não é considerado doença, na verdade atualmente consideram orientação sexual, digna e repleta de direitos. Nós é possível julgar o amor entre duas pessoas do mesmo sexo, jamais teremos o direito de falar que a nossa verdade é a verdade do universo. Indivíduos de qualquer orientação sexual que procure um sacerdote Umbandista terá o direito de ser abençoado por ele e ou uma entidade. Um sacerdote pode orientar os seus seguidores, mas não deve julgar a atitude ou comportamento dos seus filhos, ele poderá ascender uma pequena vela, mas não poderá escolher a cor da chama. Desta forma você poderá ajudar, no entanto não castre seu filho muito menos o sufoque com seus conceitos e anseio dê-lhe condições de viver dignamente, mas não imponha seus temores ou obsessões.

1º o Templo Ilê Axé Nagô Kobí acredita que o ser humano independente do sexo, cor, raça e até mesmo credo tem o direito de participar dos rituais e receber todos os Axé e bênçãos que podemos buscar.

2º somos livre para seguir nossa vida e sexualidade desde que não exponha a dignidade de cada um, cause transtorno aos semelhantes ou membros da casa, visto que o preconceito jamais deverá ser incentivado e no caso de haver, deveremos suprimir o mesmo, a nossa fé em prática, deverá ser regida pelo amor e não pelo preconceito e ódio.

3º não julgar ou causar transtorno para casais e indivíduos que tenham sua sexualidade afirmada diferente da nossa.

A homossexualidade e bissexualidade não é crime perante o templo, a liberdade sexual de cada indivíduo de amar deve ser respeitada, e deve ele mesmo se respeitar e a pessoa amada.

Prostituição, nós não podemos julgar, mas se puder ajudaremos uma pessoa que se encontra nesta situação a encontrar um novo caminho, jamais julgar, pois devemos estar abertos a todos, sem preconceito.

A visão do Templo Ilê Axé Nagô Kobí *sobre a* sexualidade

O espirito possui uma personalidade e se distingue dos demais, ou seja, ele é único, existem grupos de homens e mulheres, nascemos sabendo quem somos e o que queremos desta forma devemos respeitar quem somos. Porém existem casos em que o indivíduo necessita de uma paz interior e seguir o seu DNA espiritual, por isso não devemos julgar e se puder dar apoio e condições para que aquele indivíduo se desenvolva e cresça, conforme a sua essência, sem que os influenciemos a tal ponto que mude a sua essência.

O espírito é identificado como homem ou mulher, então entende-se que ele possua elementos na sua personalidade que o faça vibrar como macho ou fêmea. Fato que observamos que as entidades não mudam a sua sexualidade com o passar dos anos, ou quando se apresentam, pois um caboclo virá sempre como caboclo, ou uma baiana virá sempre como baiana. Tal como é no culto à Egun, onde o espirito desencarna e encarna sem mudar a sua sexualidade.

Os transexuais são um caso que merece estudo, pois não se adequam ao corpo ao qual adquiriram na reencarnação, procurando a adequação de identidade com o passar dos anos. Mas aqui inicia uma questão que gera dúvida, será que o universo errou ao criar o transexual?

Ou este indivíduo não aceita a sua sexualidade por vaidade e ou problemas da sua personalidade. Sendo possível que este indivíduo venha adquirir aqui ou até mesmo antes de nascer o grande dilema entre a sua sexualidade.

Ao analisar vários transexuais percebemos que alguns casos o indivíduo ao se olhar no espelho não enxerga o corpo masculino, e, aflito quer mudar desesperadamente. Criando um novo questionamento, será que Olorun errou ou ele criou seres que são enviados justamente para criar novos ajustes no plano material?

O homem pode habitar um corpo masculino e ter uma alma feminina, por que não? Assim ficariam mais claros os problemas dos transexuais buscam a adequação de identidade.



As almas se dividem entre homens e mulheres, e estão em constante evolução, mesmo assim serão homem ou mulher ambos distintos, mesmo que estejam em estado de comunhão com o criador (Olorum). E logicamente que não podemos excluir os homossexuais, pois não existiriam se não fosse criação do próprio Olorum, tudo que existe no universo faz parte da sua criação e poder.

A Morte

A morte para os espiritualistas não passa de um ponto focado por um prisma de luz. Ao ser tocado pelos raios ele reflete uma gama de cores, estas cores se intercalam e fazem parte de uma energia que visualizamos através das variadas vibrações, mas não podemos guarda-la, porem sabemos que existe, e, que está à frente dos nossos olhos, porem seremos impulsionados a não acreditar na existência da luz, fato decorrente da cultura ocidental. Os espiritualistas, na verdade os Umbandistas, acreditam com toda nossa fé que a morte nada mais é que uma transição, que a mesma não deve ser antecipada, cada um tem o seu tempo e não deve ser mudado a não ser que Olorun permita.

Olorun possui o poder de mudar a vida de cada ser vivo no universo, ele é o único que segundo o conceito da Umbanda poderá interceder em momentos do nosso destino. Nem outro orixá terá permissão de interferir, se ele o fizer antes.



O livro dos mortos da Umbanda

Introdução

A morte é um estado transitório, passageiro e imutável. A morte é uma vibração diferente ao quais todos passarão por ela um dia, esta transição é um ciclo de vida e morte que passamos em direção à evolução.

No momento que nascemos já estamos morrendo, nossas células está se reproduzindo a cada dia e novas tomam o lugar das velhas e mortas que vão caindo na descamação da nossa pele. Esta transição é feita no banho, pelo vento ou por nossas roupas, as células mortas saem dando lugar para nova. Então chega um dia que a nossa energia vital para de emanar energia e tudo entra em declínio, gerando o caos chamado de morte material, podemos manter um ser vivo por meses até anos, mas não conseguimos ainda reanimar um ser vivente depois que passa pela transição (morte cerebral).

A morte como nós a conhecemos é o ponto culminante da vida, que assinala a passagem do mundo material para o mundo espiritual. Perante o qual o recém-nascido, jovens ou velhos cai na mesma lei e perecem sobre seu domínio. Porem a morte nada mais é que um ritual milenar que oferece oportunidade da alma se aperfeiçoar através do mundo material. Somos compilados a trabalhar num ciclo de reencarnações e oportunidades para melhorar a cada dia.

A morte é a deusa que permite que o mundo não saia do controle, ela rege o tempo de vida de cada ser vivente e cada reino, até mesmo as pedras e metais estão sob sua ordem e força.

A morte é o processo de desligamento entre o corpo material e o espírito. Quando acontece a morte cerebral e os órgãos perdem a sua função, dá-se a consciência da morte. Sabe-se que não conseguimos mais manter aquele corpo vivo e vibrando para se recompor dando inicio à decomposição.

O conceito de vida e morte é puramente filosófico, visto pelo angulo espiritualista;

O estado do feto

O ato de nascer significa morte para o mundo uterino.

Na visão espiritual, a morte representa a libertação do espírito divino (alma) que animava o homem permitindo que ele volte á sua essência matriz – Olorumaré – deixando para traz na terra um cadáver. E sua representação corpórea poderá ser visualizada quando assim se apresentar, até então esta alma fará parte da mente de Olorum.

A Umbanda como ciência religiosa e filosófica secular, utiliza-se em seus rituais a comunicação com os espíritos (almas) dos mortos, baseada no principio da lei do Equilíbrio (causa e efeito), como meio de compensar o desequilíbrio da vida material provocada pelo próprio homem no inicio do mundo. Desde então, a humanidade desequilibrada pela ausência de força centrifuga, passou a desenvolver somente o lado da centralização (egocentrismo, sede de poder, centralização de poder, etc.), e a buscar, lutar, conquistar, sem jamais conseguir definitivamente, a paz e a liberdade que são

predicados da força centrifuga reclamada com justiça, pelos espíritos dos mortos. E é exatamente por isso, que o mundo espiritual, o mundo divino, nunca permitiu que a humanidade desenvolvesse sozinho o seu próprio destino. Sempre interferiu, e às vezes até de maneira drástica.

Aos espíritos desencarnados, a Umbanda chama Entidades[36].

Egun

É, portanto toda entidade (espírito) que passa pelo processo da transição (reencarnação). Estes seres espirituais que estão presentes nos rituais da Umbanda e são constantemente evocados (entidades). E seu trabalho é eterno e trabalha para ajudar a trazer luz para nossas vidas. Apresentam-se com sua forma original na hora da sua passagem, entre eles crianças, homens, mulheres e idosos. Todos sempre com características que tiveram, para que possamos reconhecer mais facilmente estes "espíritos".

---

[36] *Entidades – divididos em grupos ou classificados conforme sua hierarquia; Entidades – Espíritos.

Conceitos das dimensões dos espíritos

Entidades, guias, almas ou espíritos

Alma

[latim: *anima*, do grego: *anemos* = sopro, emanação, ar] - É a essência personificada do homem, o elemento substancial do seu ser o não material, distinto e individual, unido ao corpo que lhe serve de envoltório temporário, isto é, o Espírito em estado de encarnação.

Espírito

A palavra espírito tem sua raiz etimológica do Latim "spiritus", significando "respiração" ou "sopro", mas também pode estar se referindo a "alma", "coragem", "vigor" e finalmente, fazer referência a sua raiz no idioma PIE *(s)peis- ("soprar"). Na Vulgata, a palavra em Latim é traduzida a partir do grego "pneuma" (πνευμα), (em Hebreu (רוח) ruah), e está em oposição ao termo anima, traduzido por "psykhē".

Entidades

Mensageiros de luz que nos orientam e cultuamos na Umbanda, são eles que nos inspiram em momentos difíceis e nos trazem conforto quando estamos desconsolados. As entidades se manifestam nos médiuns em formas masculinas e femininas, assumem sua forma original e trabalham na matéria do médium. Uma entidade masculina

(caboclo) se apresenta a primeira vez no *orí* (cabeça) do médium e irá manter esta forma até o final sendo assim devemos perceber que se eles não mudam de forma e mantiver aquele padrão, logo a alma é masculina ou feminina.

Guias ou entidades.

Se pensarmos que tudo ao nosso redor são energias, e está interligada de uma forma indireta, a alma está ligada ao homem da mesma forma que o universo permanece no firmamento sem perde-se.

Guias são nossos mentores e chefes de coroa (a entidade responsável pelo nosso desenvolvimento). Percebe-se que nem todos se apresentam na mesma energia, existe várias formas de falar resumindo a alma, espírito, guias ou entidades, são as mesmas energias e poderão usar nossa matéria desde que estejam desencarnados. Todos que passem pela transição – chamada morte – poderão entrar em contato com o ser vivo. Claro que este transe ocorre sem que nosso espírito saia do nosso corpo, mas como é possível?

Se pensarmos que a nossa alma é uma essência que não temos como tocar ou modificá-la, então ela vibra em uma sintonia diferente da matéria, desta forma um guia poderá tomar nosso corpo por alguns momentos e se manifestar trazendo mensagens de luz e amor entre outros assuntos. Algumas vezes sua aproximação tem efeito inverso, gerado por entidades negativas.

Sem danificar a nossa personalidade ou corpo sua aproximação tem sem danificar a matéria, claro que ele tem o dever de cuidar e zelar do nosso corpo e saúde mental, sem nos expor ao ridículo.

Acredita-se que as almas evoluem até o dia que comungam com a essência do criador, a matriz que emana toda a energia dos seres humanos, nós trabalhamos para evoluir e para a evolução das nossas entidades, desta forma um dia não mais estaremos no plano terreno e teremos alcançado o patamar dos anjos e deuses. Mas mesmo assim ainda seremos uma essência diferente dentro dos átomos que integram esta matriz criadora. Trabalhamos e quando chegamos ao último estágio temos o poder de comungar com o universo e fazer parte dele, desta forma temos a opção de voltar para a terra manifestando-se como orixás que trabalhamos dentro da Umbanda.

Ao terminar sua missão de passar pela transição ou a chamada reencarnação, esta alma não necessitará mais efetuar trabalhos dentro dos terreiros, o que não quer dizer que aí terminar sua missão, estas almas serão então cultuados como "Orixá". Assim forma uma classe, a evolutiva que devolve a nossa alma ás mãos do criador, perfeita e com grande luz. Comungando então com as forças da Coroa de Olorun e fazendo parte desta primeira essência. Para nós mortais acreditar que alcançaremos a mão de quem criou todo universo, nos faz almejar um trabalho limpo e digno dentro da nossa fé sem práticas obscuras e impróprias.

Evoluiremos e levaremos nossas entidades conosco em busca da grande Matriz – Olorun.

O culto dos mortos

A nossa religião de certa forma cria grande vinculo com o cemitério, no culto dos mortos.

Os mortos vivem se movem em dimensões diferentes. Nós somos criados à acreditar que existem apenas três dimensões, e que o corpo é somente aquilo que se vê. Quantas vezes olhar as longínquas estrelas e sentir que nem mesmo em pensamentos poderíamos imaginar como são e quantas existem. É incalculável, porem devemos ter em mente que de alguma forma nossas células ou átomos estão ligados ao universo, esta mesma lei que faz nossos átomos vibrarem em uma frequência única, nos mantém presos no nosso planeta. Tal lei que nos impede de perder a gravidade também castiga nosso corpo e matéria, mas mesmo assim podemos sentir a influencia da lua, do sol e dos planetas em nossa vida, os mesmo estão interligados com nossa religião diretamente.

Os Eguns são homens que passam pela transição o ato do desencarne, passando por um processo de ajuste segundo a lei de Causa e Efeito em duas fases; após os sete primeiros dias espirituais, isto é, diferente em tempo do nosso dia físico, que são considerados como "a consciência dos não vivos", eles entram num período de 49 dias espirituais (7 x 7) onde passam por uma serie de experiências denominadas "casa das almas"; apos os 49 dias espirituais, vem um estado de latência no qual o Egun permanece por um tempo não definido materialmente onde os ímpios são atirados ao mundo das sombras, sem poder reagir devido a seu estado de Latência, até que se acostumam ao novo ambiente dentro das leis que o regem. Os puros são recolhidos a um ambiente de desintoxicação material para poderem reingressar no plano de evolução inicial dos espíritos puros, com novas missões que aumentam seu estado evolutivo em direção à luz.

Os sete primeiros dias (dias espirituais, isto é, diferentes em tempo do nosso dia físico) a partir da morte é o período "post-mortem", onde se processa o desmembramento

energético entre o corpo e espírito, para que possa se desenvolver os dois períodos citados acima. Isto é feito em sete fases, a saber:

1 – O espírito, deixa a matéria e subsiste por algum tempo, mesmo depois de destruída a forma. Este período é de aproximadamente um dia. O espirito ronda a matéria como se estivesse acostumando-se ao desenlace. É o período dado à alma para a extinção de todo interesse pela vida encarnada e pelo corpo que a uniu ao mundo manifestado.

2 – A alma, que é identificado energeticamente como a personalidade do Ser, luz intelectual, inteligência ou energia espiritual, abandona o corpo terminando ali a animação do ser, e afastasse deste em direção ao Ayê (mundo espiritual), mas sem nele penetrar, ficando numa região de penumbra enquanto aguarda a desunião dos resíduos do corpo. Esta espera dura aproximadamente dois dias. Neste intervalo de tempo o corpo já foi sepultado e não há mais possibilidade da alma voltar ao corpo.

3 – Nas portas do Ayê, por entidades responsáveis, que submete a alma a um "Arissun", ou sacudimento, para retirar os resíduos de matéria (influências) que ainda persistem, porque as influências materiais não entram no Ayê. É, portanto, uma espécie de purificação que dura aproximadamente sete anos (materiais) e é chamado de solução.

4 – Os espíritos vão perdendo o contato com o mundo físico por falta de seu alimento energético e começa a voltar ao local de origem (astral), enquanto a matéria se decompõe no ventre da terra; a alma vai para um espaço de dimensão/tempo fora dos conceitos da materialidade.

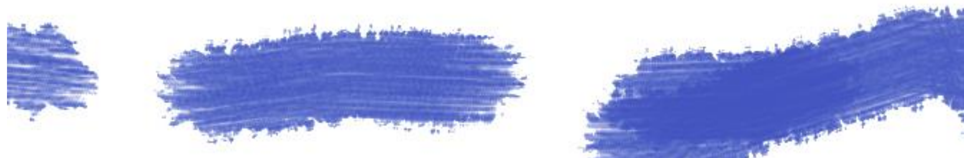
5 – Após a alma recebe de volta condição energética, isto é, a união da essência de Olorun.

6- Inicia-se então um processo de conscientização do valor da vida (sopro vital), aonde a alma vai adquirindo a consciência de tudo que aprendeu em suas reencarnações e partilha do conhecimento universal.

7 – após passar por todos os períodos anteriores, a alma se prepara enfrentar o "casa das Almas". Esta preparação é exatamente delicada, pois a casa das almas é uma viagem no tempo onde os valores e razões do processo de reencarnação. As verdades são então esclarecidas e a primeira delas que a alma veja que a vida encarnada é imprescindível.

A casa das almas

É o local receptor das almas, neste local ficam agregadas as almas dos antepassados da casa e das almas que irá trabalhar no templo. Neste local ficam confinados os assentamentos, axés e preceitos das entidades dos que foram e das entidades que trabalham no templo, servindo como receptor de entidades não desejadas, elas permanecerão nesta casa até o final das sessões.



Mediunidade

Médiuns & mediunidade

A mediunidade é o dom de comunicação com o mundo espiritual de várias formas, independente de escolaridade, cultura ou etnia. Na forma do dom da visão comum, peculiar a todas as criaturas. O médium de passe é o médium de trabalho. Todo ser humano possui faculdades mediúnicas, ouvir conversas e sussurros também é uma forma de espiritualidade.

Intuição, pressentimento, vidência. São as formas de manifestação da mediunidade.

Médiuns – todo indivíduo apto e estável com faculdades mentais e saúde perfeita. Mesmo que não seja médium de incorporação ele poderá frequentar a um templo e participar dos rituais e iniciações, desde que seja autorizado pelo chefe espiritual ou entidade chefe da casa.

Cambonos – médiuns da casa auxiliares das entidades, todo médium poderá ser um ou já foi um cambono. Ao contrário que se pensem os cambonos é de suma importância dentro de um templo, eles estão auxiliando as entidades e proporcionam segurança ao médium que está incorporado. Os cambonos anotam os recados, as consultas e auxiliam perfeitamente as entidades, sem eles teríamos muito problema para trabalhar no templo.

Energias

O Reequilíbrio Energético.

A água, o charuto, as ervas, os minerais, a pemba, os gestos, as velas, enfim tudo que é usado nos trabalhos de umbanda são meios de facilitar a agilizar os processos de equilíbrio, porque o desequilíbrio provoca nas pessoas as mais variadas reações (doenças, desânimos, pesadelos, etc.).

Água

Com a água manuseiam-se as forças elementais das águas para restabelecer a energia geradora e, por conseguinte, o uso da razão pela limpeza astral.

Charuto

Com a fumaça dos charutos, defuma-se o consulente incluindo o sopro vivificante e quente do ar combinado com o fogo no duplo meio de purificação efetuando pelo elemento ar e pelo elemento fogo, revitalizando, renovando, limpando o elemento vital e aumentam a sua potencia psíquica.

Ervas

As ervas retira-se o elemento vital necessário para transmitir ao consulente. As emanações dos elementos vitais reanimam, alimentam a força espiritual ou o corpo astral, para se refletirem com toda a energia no corpo material. A pureza do elemento vegetal serve como agente de expulsão de forças negativas, e por isso, funciona como verdadeiro fortificante da energia pessoal.

Vela

As velas, que representam uma combinação dos quatro elementos da natureza, servem para queimar os resíduos espirituais e remetê-los, através da fumaça, ao caos diferenciado, assim, estes resíduos passam por uma nova reciclagem, permanecendo em seu meio com seus valores negativos puros, cumprindo dessa forma o seu papel de força equilibrante da natureza.

Movimentos

Os gestos ou movimentos acompanham a tônica da modulação das ondas vibratórias da luz e do som, compasso e ritmo de vida, desviando ou orientando as energias manuseadas nas direções dos chacras ou nas direções dos pontos cardeais.

Ponto riscado

O ponto cabalístico riscado com a pemba é o seu universo de ação através dos valores simbólicos ali registrados, a entidade amplia o seu campo de ação, transcendendo o espaço do templo e atingindo os planos cósmicos através das ondas moduladas.

Kabalah

A Kabalah é a ciência que estuda a disciplina de um tratado filosófico religioso, que resume através da simbologia o sentido secreto das forças da natureza através dos números letras e sinais, dentro desta linguagem a que chamamos de Kabalah encerra toda a força e magia de cada ser vivente e muitas vezes o universo da entidade, sua magia e história. Desta forma o estudo da Kabalah deve ser muito bem elaborado para entender o que significa cada item dentro de um ponto riscado de uma entidade e o universo ao qual ela trabalha.

A umbanda possui seus símbolos, linguagem e energia, a qual as entidades se comunicam, trabalham e movimentam a força pessoal e universal.

Os símbolos e magia são gravados pela entidade no mundo físico, representando o universo espiritual daquela entidade, sua energia forma de trabalho e origem, criando um campo energético para auxiliar a entidade no passe[37], este ponto poderá conter um

---

[37] Passe – ritual de tratamento espiritual, momento ao qual as entidades atendem os consulentes e médiuns do templo.

ou mais símbolos que criaram o estado ideal para que o passe possa ocorrer e ajude a entidade no seu trabalho espiritual.

Cânticos e Atabaque

Os cânticos e o som do atabaque mantêm a ligação vibratória numa tônica adequada.

Este mesmo trabalho efetuado pelas entidades também pode ser realizado pelo próprio ser humano, desde que se transforme e se prepare adequadamente dentro dos rituais específicos e que sua vida seja inteiramente dedicada a isto, a fim de que as emoções materiais não o afetem e que ele possa transmitir a energia pura.

Uma vez equilibrado o corpo astral, o indivíduo retorna os seus valores materiais, permitindo assim que a energia pura nele penetre e afaste os efeitos maléficos anteriormente criados por uma coisa em desequilíbrio, os quais perdem as forças pelas novas ondas emitidas, pela fonte agora já em harmonia. Cessada a causa, cessam os efeitos que deixam de se manifestar. Porem existe um fator importante em todo o processo, é o consentimento e a vontade do consulente. Sem eles, torna-se extremamente difícil a eficácia do trabalho.

Acontece que todo ser humano possui a capacidade de desenvolver, captar e transmitir energias, das quais é um verdadeiro acumulador. Se sua vontade permanece apática, será necessária uma grande dose de energia apenas para tirá-lo deste estado de apatia e mais uma quantidade não menos potente para promover uma reação.

Quando o indivíduo não aceita o processo, torna-se impossível penetrar em suas defesas energéticas. Somente com o consentimento, a ajuda e a vontade do paciente se obterá um resultado realmente eficaz, porque as energias de seu corpo serão movimentadas com muito mais dificuldade pelo próprio dono das energias.

O atabaque deve ser tratado como um assentamento, e deve ser acordada com paó, cada casa tem uma forma de bater o paó (ato de bater palma com as mãos meio côncavas, assim tira o som abafado).

Energias em movimento

O médium devidamente preparado não sofrerá com a influência negativa dos problemas das giras.

Dentro do templo devidamente protegido e com os devidos assentamentos suprime com a metade das energias negativas (passivas ou diretas) recebidas pela assistência, demandas e problemas corriqueiros.

Porem ainda existe a outra metade que é a energia que é movimentada durante o passe; o médium está em contato com energias externas que não fazem parte da sua cota de energia comum, desta forma uma boa preparação material e mental é muito importante médiuns seguros e com conhecimento. Desta forma quem não quiser, não receberá energias negativas, basta se fechar mentalmente que boa parte da energia negativa passa direta e é descarregado pelas entidades que estão ali trabalhando.

Assim sendo forma-se um triangulo imaginário entre o 1 consulente + 2 (você) médium incorporado + 3 o plano superior, assim sendo você serve como condutor se tiver boa firmeza não ficará com resquícios desta energia negativa. Toda energia que vibra do universo é limpa e pura, não seria possível nos contaminarmos com energias negativas se as energias vibratórias são maiores que a do consulente.

O mesmo serve para médiuns de transporte é considerada uma pratica perigosa energeticamente, prejudicando o médium e não existe necessidade de deixar um médium passar por esta energia (receber energias negativas e entidades negativas, mesmo porque na cabeça de médium possui um orixá não devemos deixar entidades negativas passar) recebendo uma carga grande e obsessores, uma forma primitiva de trabalho dentro da Umbanda que esta sendo abolida. Evitando esta prática para poupar o médium e em respeito aos guias que regem a coroa do médium, está preservando aquele médium e eliminando assim a possibilidade dele começar a ter altos e baixos na vida material.

A alquimia Umbandista

A magia com as velas são muito usadas dentro da umbanda. Entre velas brancas e coloridas é movimentada uma magia dentro da religião que facilmente encontram nos terreiros. Porem, não é usada como cromoterapia, mas como representação das entidades, visto que cada uma possui uma cor, esta mesma cor é válida para as velas. A magia que encontramos dentro da umbanda com as velas revela a transformação, a matéria se transforma sob as chamas do fogo, este fogo para existir necessita do ar, a terra representada pela vela derrete e se transforma em cera liquida representa o elemento água. Notamos os quatro elementos se transformando e consumindo a matéria

e a vontade de forma figurada falando, assim a matéria se desfaz e a entidade que foi ofertada aquela vela absorve toda energia e transformação para sua magia pessoal.

Assim os umbandistas usam de fórmulas simples para suas magias pessoais. Ao ver uma pequena vela acesa por uma Umbandista saberá que mais uma lei dos segredos da Umbanda foram movimentada.

Defumação

Um dos rituais mais gostosos da Umbanda é a defumação, preparar os incensos e ervas para defumar são muito gostosos, os aromas e a sensação de leveza que ela nos proporciona é muito boa. Limpando o ambiente de energias negativas e influências. Existe vários tipo de defumação, mas você poderá comprar as sete ervas completa e mais algumas que seja conforme os fundamentos da entidade da casa.

O ato de pedir a bênção

Uma forma de receber um axé daquela pessoa iniciada ou do sacerdote chefe do templo. Na hora da bênção o médium oferta um pouco do seu axé aos filhos da casa e seus parentes espirituais.

Umbanda – bênção

Pede a bênção = sua bênção
Responde-se = (fala o nome do Orixá) - exemplo – filho de Oxum – Que Oxum abençoe.

Procedimentos na Umbanda

Jogo de Búzios

O jogo de Búzios é exclusivo das religiões de matriz africana, ficando a cargo dos rituais de sacrifícios de animais e etc. Que não se encaixam nos rituais da Umbanda. Por isso será muito difícil um búzio ser assentado sem tais rituais, muito menos sem ter os orixás que pertencem ao jogo de búzio, como Orumilaiá.

Ritual com sangue de animais.

Alguns Umbandistas abominam o uso do sacrifício de animais, porem a Umbanda foi e será uma mistura de culturas afro-brasileiras, onde algumas casas abominam e outras usam este ritual, por isso não é possível determinar quem está certo ou errado.

Fica a cargo do dirigente da casa e seus guias decidirem se adotam ou não tais rituais. Levando-se em consideração que no Brasil os homens consomem muita carne de animais, seria impossível dizer que os animais são sagrados, como a vaca é na Índia.

Desta forma em rituais específicos o uso de animais poderá entrar nos assentamentos de Exú, sendo que as demais entidades dispensam. Como na Umbanda não são assentados os Orixás da tradição africana, não tem porque corta bichos, pois na maioria dos rituais são trocadas por muitas folhas.

Ritual de casamento, fúnebre e ritual de batismo.

Seria importante o sacerdote de a Umbanda ministrar os rituais, sem depender de sacerdotes de outras religiões para a consagração ou confirmação.

Em casamentos, basta ter um escrivão para que e realize o casamento civil, ou caso seja preferência dos nubentes casarem antes no civil e depois no religioso, com as bênçãos do sacerdote, já basta.[38]

Rituais para estas consagrações.[39]

---

[38] Artigo 1.534 do Código civil brasileiro. A solenidade realizar-se-á na sede do cartório, com toda publicidade, a portas abertas, presentes pelo menos duas testemunhas, parentes ou não dos contraentes, ou, querendo as partes e consentindo a autoridade celebrante, noutro edifício público ou particular.

§ 1o Quando o casamento for em edifício particular, ficará este de portas abertas durante o ato.

§ 2o Serão quatro as testemunhas na hipótese do parágrafo anterior e se algum dos contraentes não souber ou não puder escrever

[39] Rituais – batismo, casamentos, consagrações e funerais.

Não são efetuados por entidades, mas sim pelo sacerdote devidamente preparado para isso. Pelo ritual do templo Ilê Axé Nagô Kobí.

Tais rituais deverão ser feitos em datas e campos sagrados de forma simples respeitando os entes queridos e envolvidos. Que fique claro que os sacerdotes das religiões afro-brasileiras quando bem preparados estão aptos para ministrar os rituais acima sem necessidade de confirmações de sacerdotes de outras religiões.

Um sacerdote deve ter ciência e competência para ministrar consagrações e saber com quem energia ou forças ele está lidando, claro que como cada caso é único e existe uma força, energias distintas e diferentes ali regendo, precisando estudar muito antes de efetuar a consagração. Por isso acredito que um médium deve ministrar e não uma entidade, claro que após o ritual uma entidade poderá fazer uma bênção ou confirmação. Mas fica a cargo do sacerdote ministrar qualquer consagração.

O Casamento

A união entre duas pessoas deve ser consagrada pelo sacerdote por entidades, podendo usar elementos comuns no cotidiano da Umbanda.

Batismo

O batismo na umbanda é um momento especial, pois ele confirma e consagra à espiritualidade do ser vivente, o batismo na Umbanda é mais que um simples batizado, ele nomeia um guardião para aquela criança e solicita que Oxum guarde a mesma até que complete 8 anos.

O batismo confirma a existência material do indivíduo e dá um nome ao recém nascido.



Funerais

Acreditamos que os mesmo rituais de feitura devem ser desfeitos, o médium passa por preparações a vida toda e deve ser desfeita corretamente quando termina sua missão na terra e ele passa pela transição.

O médium tem que ser adequadamente preparado e enviado aos braços de Oxalá, é o mínimo que o sacerdote pode fazer aos seus filhos.

Cada ritual poderá ser feito conforme o grau de iniciação do médium, ficando a cargo do sacerdote o procedimento, mas com certeza que deverá ser feito com a maior seriedade. Parando com rituais comuns por tempo determinado.

Resguardo

Sacerdote e os médiuns da casa envolvidos no funeral ficarão de resguardo durante sete dias.

A casa deverá permanecer fechada durante estes sete dias, em luto, assim como a corrente e médiuns da casa.

Caso algum médium da casa seja parente do falecido devera ficar fora da corrente no mínimo 21 dias, de referencia 32. Motivo pelo qual neste tempo os Eguns e os espíritos que geralmente se aproveitam da fraqueza espiritual dos médiuns ficam esperando uma chance de se aproximar, mas desta vez sua aproximação não é com boas energias.

Os médiuns da corrente ficaram de preceito apenas para evitar que tais espíritos se aproximem aqueles que não são bem vindos.

Uma pergunta muito singela cai na boca dos espiritualistas – se a Umbanda cultua espíritos porque então temê-los – a resposta vem direta e sem dúvidas, nós mexemos com entidades que estão chefiadas por orixás e outras entidades, da mesma forma que os guias do terreiro são chefiados pelo chefe do terreiro. Esta hierarquia não existe por aí, logo acreditamos que os espíritos de baixa energia, e entidades desgarradas esperam uma abertura na espiritualidade do médium ou da casa para quebrar algumas regras harmoniosas que regem o terreiro, da mesma forma que sabemos que os médiuns estão mexendo constantemente com energias negativas e geralmente são filtros que ajudam a harmonizar os consulentes. Por isso temos que ter muito cuidado com rituais fúnebres, pois eles não estão apenas mexendo com almas dos que foram, mas abrem portais que não serão facilmente fechados.

Pegí – recinto sagrado do templo de Umbanda.

O pegí é o altar do templo, ali estão localizados os assentamentos, pedras, fundamentos e tudo que possa harmonizar o ambiente, praticamente estará ali todo material necessário para as entidades trabalharem no plano astral e material.

Naquele local sagrado recebe as vibrações vindas da coroa de Olorum e distribui para o campo sagrado do terreiro. Deste ponto que recebemos todas as energias puras e vibrações vindas do universo, ali representa um dos pontos mais sagrado do templo, deste ponto partem as vibrações e abriga os paramentos ritualísticos e mais sagrados.

Deste ponto sagrados você terá todas as energias enviadas para as entidades e vibrações salutares.

Pemba

A pemba é objeto permanente aos ritos Africanos, mais antigos que se conhecem, fabricada com o pó extraído dos Montes Brancos Kimbanda e água que corre no Rio Divino U-Sil, é empregada em todos os Ritos e Cerimônias, festas, reuniões ou solenidades africanas.

É um instrumento ritualístico, usado para riscar os pontos Kabalísticos, usado pelas entidades e pelo sacerdote para estabelecer o contato vibratório com as energias cósmicas.

Uma espécie de giz branco ao quais as entidades usam para riscar os pontos (símbolos que geralmente estão dentro de um circulo sagrado). Dentro deste ponto você encontra todo universo daquela entidade, nele contem as forças e vibrações que esta entidade invoca cada vez que esta na terra para trabalhar.\

Estabelecendo uma correlação e identidade entre o mundo espiritual ou etéreo. A base mística de sua utilização está relacionada com a pedra, que, segundo o conceito primitivo, vinha do céu ou das profundezas da terra. Ao cair do céu, trazia fogo através do ar, e da terra trazia o contato com a água pura em processo de purificação nas suas manifestações, a pedra assume aspecto neutro.

Como é fabricada a pemba

É privilégio do sacerdote do templo a direção dos trabalhos da fabricação da pemba, a fabricação não pode tomar alimento de espécie alguma nem beber água.

Mistura uma pequena quantidade do material (calcário, tabatinga, etc) triturado com um pouco de goma arábica bem fina ou leite; deixa-se secar um pouco e, antes que a massa endureça, dá-lhe o formato desejado, para só então deixar secar totalmente. A sua constituição sugere um elemento intermediário entre a dureza da pedra e a maleabilidade da água, sem, entretanto perder as características de neutralidade e de limpeza. Além do mais, em sua confecção aparece o secador plasmador da forma final. Isso a caracteriza como instrumento simbólico, ígnea e de ligação entre a terra e o céu, através dos princípios da metafísica. Portanto magicamente ela tem a força que representa.

Virtudes da Pemba

O pó da pemba espalhado na casa evita a entrada de más vibrações ou entidades que não deseja. Por isso ela pode ser considerada um instrumento de suma importância e grande valor nos rituais de Umbanda.

Pemba ralada

A pemba em pó preparada com sementes sagradas, para soprar durante alguns rituais, com o poder de trazer a paz e a harmonia do orixá oxalá na umbanda.

Referências

Estudos e conceitos Rosa Cruzes.

Estudos e conceitos Templo Guaracy

Estudos do Templo Ilê Axé Nagô Kobí é uma entidade Espiritualista, Òrìṣàteísta, Apolítica sem fins comerciais. O Templo Ilê Axé Nagô Kobí situa-se na zona sul da grande São Paulo, pertence à cultura Afro-brasileira, Axé Nagô Kobí, sob comando do dirigente espiritual Bàbá Erick de Òòṣàálá, que pertence à família do Ilé Xapanã - Bàbá Agnaldo de Xapanã (Porto Seguro), filho de Julia de Xapanã (falecida), iniciada por Neuza de Yemojá (falecida).

Saiba mais sobre o *Bàbá* Erick *Òòṣàálá* Em 1979 frequentou a Umbanda no Templo Aldeia de Oxosse, em 1980 Templo Guaracy. Iniciado em Janeiro de 1982 na Nação Angola, ficou praticamente até o final de 1982, quando migrou para o Nagô Kobí, culto à *Òrìṣà*, recebendo seu *Oyè* abrindo em 05 de Julho de 1989 o Templo Ilê Axé Nagô Kobí.

Site Ọlọrun - http://www.olorun.com.br Blog http://iledeobokum.blogspot.com/







Fonte das imagens ignorada; à saber.